

---

**EDUCAÇÃO FÍSICA**

---

**LUIS HENRIQUE OLIVEIRA GOMES**

**DANÇANDO O RITMO DO PRECONCEITO:  
UMA ANÁLISE DO ESTILO WAACKING COM  
O ENFOQUE NO SEXO MASCULINO**



**Rio Claro  
2015**

LUIS HENRIQUE OLIVEIRA GOMES

DANÇANDO O RITMO DO PRECONCEITO:  
UMA ANÁLISE DO ESTILO WAACKING COM O  
ENFOQUE NO SEXO MASCULINO

Orientador: AFONSO ANTONIO MACHADO

Co-Orientadora: VIVIAN DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto de Biociências da  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de  
Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro,  
para obtenção do grau de Licenciado em  
Educação Física.

Rio Claro  
2015

793.3 Gomes, Luis Henrique Oliveira  
G633d Dançando o ritmo do preconceito: uma análise do estilo  
waacking com enfoque no sexo masculino / Luis Henrique  
Oliveira Gomes. - Rio Claro, 2015  
68 f. : il., gráfs., tabs., fots.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação  
Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de  
Biotecnologia de Rio Claro

Orientador: Afonso Antônio Machado  
Coorientador: Vivian de Oliveira

1. Dança. 2. Waacking. 3. Gênero e sexualidade. 4.  
Homem na dança. I. Título

## AGRADECIMENTOS

Dentre vários momentos de “*nãos*” proporcionados pela mais bela forma de arte, o viver, eu pude me manter forte, perseverante, crendo, fazendo acontecer tudo àquilo em que acreditei – a final, as grandes histórias acompanham grandes dramas.

Aqui registro meus sinceros agradecimentos para aos que me motivaram e me apoiaram nesse caminho percorrido até o atual momento. Primeiramente agradeço a Deus, por estar ao meu lado quando o impossível é meu objetivo, ou seja, sempre. Agradeço também de coração àqueles que me deram a – chama efêmera – vida, mãe e pai, que mesmo eu não pertencendo aos padrões normativos de prole sempre os honrarei.

Sou grato aos loucos que acreditam no LuisAfF – como me auto denomino. Amigos fiéis são fáceis de encontrar, mas parte da sua alma que habitam em outros corpos é algo que merece muito mais que meu coração.

A conclusão desse curso só foi possível graças a MORADIA ESTUDANTIL UNESP Rio Claro, o A'morasDance (Grupo de Artes da Moradia Estudantil) e o CEAM (Centro de Estudo em Arte Marcial "Tomoaki Miyaoka"), pois uma formação acadêmica na qual se resume nas salas de aula é algo medíocre, esses grupos me proporcionaram conflitos, oportunidades e experiências que sem elas eu não poderia ser digno de dizer que pude aproveitar minha graduação e deixar essa universidade com o sentimento de dever cumprido.

Em todo esse processo fiz o meu melhor e saio com a certeza que não fui mais um que passou por aqui.

Deve se lembrar da admirável importância do meu orientador que esteve presente desde o meu primeiro ano de graduação sendo um notório docente, além de um grande parceiro, assim como os membros de seu laboratório (LEPESPE).

Por fim, mas não menos importante agradeço as pessoas que caçoaram, zombaram, xingaram e tornaram os meus dias mais sombrios, porque é em meio a nevoa densa, sol acinzentado e noites sem estrelas que eu tenho os melhores devaneios e encontro o modo de fazer o meu melhor, transformando a loucura emanada em minha própria e bela realidade.

*“Se for para utilizar meu tempo, vou usar com força.”*

*(LuisAfF)*

## RESUMO

Entendendo a dança sob todos os seus aspectos educativos, criativos e libertadores, esse Trabalho de Conclusão de Curso trás informações motivadoras para novos estudos e reflexões. Essa pesquisa fez um levantamento bibliográfico para contextualizar e alcançar detalhadamente a história e como se perpetua na prática o estilo de dança Waacking, buscou a compreensão sobre como o corpo está inserido em nossa sociedade, fez apontamentos sobre a Psicologia do Esporte referente o tema medo e vergonha, assim como se comprometeu em abordar as questões conflitantes de gênero e sexualidade, para então, ser possível desenvolver o que foi objetivado. O presente estudo buscou constatar se há publicações nacionais sobre o estilo de dança Waacking e quais suas contribuições para o cenário brasileiro, verificando a presença de estereótipos e preconceitos aos indivíduos do sexo masculino que nele estão inseridos. Como método utilizado, foi realizada a pesquisa em bancos dados online tendo os seguintes sites como fonte de conteúdos acadêmicos científicos à âmbito nacional: Google Acadêmico (como o filtro para pesquisas apenas em idioma em português – visto que o foco da pesquisa é reunir publicações nacionais); Portal de Periódicos CAPES/MEC; e a SciELO – (Scientific Electronic Library Online). O processo de análise ocorreu utilizando o modelo de categorização, que foi essencial para conseguir extrair as informações que se enquadravam pertinente a partir dos critérios que foram pré-estabelecidos, assim possibilitando a finalização desse Trabalho de Conclusão de Curso.

**Palavras Chave:** Waacking; gênero e sexualidade, homem na dança; preconceito.

## **ABSTRACT**

Understanding dance in all its educational aspects, creative and liberating, this of course work completion back motivating information for new studies and reflections. This study did a literature review to contextualize and detail reach the story and how it perpetuates in practice the dance style Waacking, sought the understanding of how the body is inserted in our society, made notes on the Sport Psychology regarding the topic fear and shame, and pledged to address the conflicting issues of gender and sexuality, to then be possible to develop what has been objectified. This study sought to establish whether there are national publications on the Waacking dance style and what their contributions to the Brazilian context, verifying the presence of stereotypes and prejudices to males in it are inserted. As used method, the survey was conducted in online databases having the following sites as a source of scientific academic content to nationwide: Google Scholar (like the filter to search only in Portuguese language - as the focus of the research is to gather national publications); Journals Portal CAPES / MEC; and SciELO - (Scientific Electronic Library Online). The review process took place using the categorization model, which was essential to be able to extract the information that met relevant from the criteria that have been pre-established, thus enabling the completion of this work Completion of course.

**Keywords:** Waacking; gender and sexuality, man dance; prejudice.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	8
1.1. JUSTIFICATIVA .....	9
1.2. HIPÓTESE .....	9
<b>2. OBJETIVO</b> .....	11
2.1. OBJETIVO GERAL .....	11
2.2. OBJETIVO ESPECÍFICO .....	11
<b>3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	12
3.1. O CORPO QUE ESTÁ INSERIDO NA SOCIEDADE .....	12
3.2. A CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO NO INDIVÍDUO DO SEXO MASCULINO ..	14
3.3. A DANÇA ENQUANTO MECANISMO DE INIBIÇÃO E POTENCIALIZADORA DE PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÃO .....	16
3.4. WAACKING .....	19
3.4.1. A HISTÓRIA .....	19
3.4.2. A DANÇA .....	24
<b>4. PROCESSOS METODOLÓGICOS</b> .....	36
4.1. CATEGORIZAÇÃO .....	36
4.2. ANÁLISE DA COLETA DE DADOS .....	38
<b>5. RESULTADOS</b> .....	39
5.1. GOOGLE ACADÊMICO (Publicações na Língua Portuguesa – Filtro) .....	39
5.2. PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES/MEC .....	39
5.3. SciELO – (Scientific Electronic Library Online) .....	40
5.4. REPRESENTAÇÃO ILUSTRATIVA DOS RESULTADOS .....	40
<b>6. ANÁLISE</b> .....	43
6.1. BOHEMIAN RHAPSODY: PERFORMANCE, RITUAL E RELAÇÕES DE GÊNERO NO BREAKING .....	43
6.2. CULTURA HIP HOP: A INFLUÊNCIA DA DANÇA DE RUA NA MOTIVAÇÃO DOS PRATICANTES DA CIDADE DE CURITIBA .....	55
6.3. IMPLANTAÇÃO DE PLANEJAMENTO E CONTROLE E CONTROLE FINANCEIRO: O CASO DA EVIDANCE, ACADEMIA DE DANÇA .....	57
<b>7. DISCUSSÃO</b> .....	59
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	64
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	65

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho que ora se apresenta pretende expor a temática da dança a partir de uma categorização histórica, da qual o sujeito do sexo masculino adquire centralidade. Nesse sentido delimita-se enquanto estudo a análise de uma modalidade de dança, a saber, o Waacking.

A compreensão da dança enquanto uma prática expressiva pode ser analisada pela dinâmica de intervenções possíveis que esta oportuniza. Desta maneira observa-se que desde os tempos primitivos esta forma de expressão/comunicação tem sido intercambiada por aspectos artísticos que delimitam sua difusão e que por assim dizer, traduzem algumas de suas finalidades como: as intervenções culturais, as dinâmicas que auxiliam no processo educativo, o entretenimento e lazer, agindo por sua vez, enquanto mediadora do processo de aproximação entre sujeitos, transformando-se em propulsora de uma dinâmica interpessoal.

Historicamente a dança constituiu-se em prática elementar da vida dos sujeitos, uma vez que, agrupados em sociedades, tinham em suas culturas formas peculiares de se expressarem, segundo Leitão e Sousa (1995) a dança segue-se por meio dos movimentos, gestos, ações com expressões que supriam as necessidades primitivas do homem para expor suas emoções, assim como para clamar, agradecer por suas vidas e aos seus deuses. Nesta direção Zotovici (2001, p.08) corrobora que “a dança seja uma das formas mais antigas do ser humano expressar, através de movimentos livres e espontâneos”.

A partir de tal perspectiva, torna-se plausível analisar a relação do sujeito com a dança, e aqui, delimita-se enquanto categoria de análise o sujeito do sexo masculino e suas imbricações no processo de exploração com essa prática. O corpo que reage aos diversos estímulos proporcionados pelo meio em que vive, transforma-se nessa relação, fomentando no sujeito diferentes percepções.

A dinâmica social proporcionada pela agitação (Pós) moderna rege as descobertas científicas, os avanços tecnológicos, permeando o padrão social de cada cultura, dicotomizando as relações. Há de se convir que os valores morais determinem as atitudes, gestos, manifestações, desejos, objetivos e até pensamentos o que expressa notoriamente uma visão e julgamentos sobre a dança.

## **1.1. JUSTIFICATIVA**

A problemática que permeia a temática desse trabalho gera a curiosidade de entendermos melhor a essência e motivo de tais julgamentos e expectativas, no caso, ligado aos indivíduos do sexo masculino que estão inseridos à prática da dança, mesmo sabendo dos benefícios da dança para com a saúde física, mental e como ela pode ser usada como ferramenta na melhoria do autoconhecimento, das relações interpessoais e transmissão de cultura, além de compreendermos que a dança é conteúdo curricular da educação básica. “É preciso manifestar a dança sob todos os seus aspectos educativos, criativos e libertadores” (LEITÃO; SOUSA, 1995, p. 258).

Para que a dança proporcione a todos os indivíduos a oportunidade de desfrutarem de seus benefícios, é necessário entendermos o porquê da presença e criação de empecilhos que inibem, prejudicam e discriminam a prática por indivíduos do sexo masculino. Em conjunto, se faz necessário pensarmos em propostas de como solucionar esse impasse. Por tanto, esse trabalho será um primeiro passo dado rumo à compreensão sobre a temática, sendo um registro útil para a sociedade, dando possibilidades de continuidade e aprofundamento ao estudo.

O estudo aqui presente auxiliará pesquisadores, educandos e interessados ao mundo das danças de rua, contribuindo historicamente para o cenário nacional acadêmico a cerca do estilo de dança Waacking. Além de servir como acervo bibliográfico para futuras pesquisas a serem desenvolvidas referentes a esse estilo de dança, motiva também o aprofundamento e novas perspectivas contextualizadas e relacionadas com os indivíduos do sexo masculino, na busca das causas e consequências de preconceitos e estereótipos por estarem inseridos na prática do Waacking, visto que os conflitos de gênero e sexualidade estão esvaindo o respeito e os direitos igualitários dos cidadãos da nossa sociedade, que se faz conservadora pautada em conceitos arcaicos e moralistas.

## **1.2. HIPÓTESE**

Partindo da curiosidade que cerca as possibilidades de intervenção do Waacking, pautada nas leituras prévias sobre esse estilo de dança, pré suponha-se que não haverá publicações sobre Waacking que venham contribuir para o cenário

brasileiro com informações, apontamentos, questionamentos e/ou mediações de intervenção para tratar do preconceito e estereótipos do homem na dança, até mesmo referente à participação do indivíduo do sexo masculino na sua prática.

Para que fosse constatada a veracidade da hipótese, fez-se um levantamento bibliográfico, a fim de validar o que foi apontado previamente pelo estudo ou contribuindo com novas descobertas sobre o tema que, entende-se por novo para as publicações acadêmicas nacionais.

## **2. OBJETIVO**

A partir da necessidade, pode-se estabelecer aqui uma preocupação que guia o percurso de pesquisa, neste sentido, pesquisar o preconceito inserido na dança, que atinge diretamente o público do sexo masculino. Usaremos o Waacking como palco para a visibilidade dos resultados deste estudo, visto que, a origem desse estilo de dança surge de um grupo discriminado historicamente, portanto, para o desenvolvimento adequado do trabalho, ele baseia-se em perspectivas possuidoras de propriedade prática e conceitual, sendo o Waacking, um estilo de dança que se enquadra ao quesito (diferente de outros estilos de dança em que a presença do sexo masculino está presente com maior frequência e aceitação social e cultural).

### **2.1. OBJETIVO GERAL**

Tendo como objetivo geral, esse trabalho espera reunir publicações nacionais de artigos, que apontem a “presença” do estilo de dança Waacking.

### **2.2. OBJETIVO ESPECÍFICO**

- Verificar o número de publicações nacionais existentes sobre o estilo de dança Waacking.
- Verificar se há constatações de preconceitos e estereótipos para com os indivíduos do sexo masculino e as consequências por dançarem Waacking.

Com isso, será possível analisar as contribuições das publicações nacionais sobre a temática e proporcionar ferramentas de reflexão para o desenvolvimento e conclusão do trabalho.

### 3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

#### 3.1. O CORPO QUE ESTÁ INSERIDO NA SOCIEDADE

Primeiramente temos que compreender os conceitos que permeiam sobre a temática corpo, pautada numa visão religiosa ocidental e padrões tradicionais, assim como as concepções da sociedade atual regido pela lei do belo, pois estes são motivadores de preconceitos, estereótipos e marginalizações socioculturais.

Dentre os vários moldes que o corpo é inserido, podemos começar com uma reflexão trazida por Rodrigues (1979) que nos leva atentarmos para os moldes estabelecidos por uma sociedade que prega à vida social que está inserido a um sistema, no qual, única razão de ser é significar. Rodrigues (1979) em sua obra contribui apresentando a teoria de representação social, que é a uma lógica introduzida em nossa educação enquanto indivíduos para fixarmos e nos aproximarmos pela similaridade que a vida em grupo supostamente proporciona, na tentativa dos grupos sociais se tornarem mais homogêneos, pensamento este que na verdade, são grandes instituições implantadas em nossas mentes. Esse sistema de categorização, significação engessado em nós, é de fato uma prisão que nos acorrenta a símbolos e códigos sociais, que transcendem o sensível – aquilo novo, nova experiência, novo comportamento – em dimensões inteligíveis, sendo o famoso “mundo real” e o que não é inteligível, que não faz parte dos padrões do “mundo real” precisa ser codificado e dado significância, pois foge da normalidade e isso causa inquietação, incômodos, temor, sendo – em casos – até considerado é um perigo para a sociedade. “As sociedades dispõem, contudo, de meio simbólicos de lidar com estas forças numinosas, canalizando-as, atenuando-as ou evitando-as.” (RODRIGUES, 1979, p. 18).

A obra de José Carlos Rodrigues é bastante completa e sustenta os pilares necessários para a estruturação do presente estudo, pois trata detalhando a respeito do corpo, como ele é visto e inserido na sociedade – mesmo sendo uma obra dos anos 70, ainda se faz atual, quando olhamos para a nossa contemporaneidade – que ainda diz:

Que o corpo porta em si a marca da vida social, expressa-o a preocupação de toda sociedade em fazer imprimir nele, fisicamente, determinadas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir. Se considerarmos todas as modelações que sofre, constataremos que o corpo é pouco mais que uma de modelagem à qual a sociedade imprime formas segundo

suas próprias disposições: formas nas quais a sociedade projeta a fisionomia do seu próprio espírito. (RODRIGUES, 1979, p. 62).

Encontra-se em sua dissertação considerações sobre as padronizações que por si só já exemplificam a nossa realidade social controlada por um Estado capitalista, que visa o consumo e emprega esses moldes para os indivíduos entrarem em uma busca incansável, a fim de alcançar “seus objetivos” – os que são ditos perfeitos, correto e desejável. Há nesse sentido uma sobreposição de visão, onde a aparência se constitui em mecanismo de opressão transformando-se em mercadoria da qual se mensura o valor pela beleza adquirida. O homem por sua vez é ultrajado a uma visão daquilo que se consideram “belo” excluindo-se, por sua vez, parcela significativa da população que não se enquadram aos padrões estabelecidos pelo sistema sociocultural econômico, o que em si, se converge com o pensamento de Shotat e Stan (1996), onde desenvolve uma visão sobre o corpo enquanto produto exposto pelos meios de comunicação, onde é vendido acerca dos moldes estéticos, além das diferenças de classes, que proporcionam oportunidades diferentes para os indivíduos relacionados ao seu devido estado socioeconômico.

Mesmo o corpo sendo considerado na Idade Média como profano (intocável) tendo como protagonistas desses conflitos a religião, ainda sim era discutido como hoje, Rodrigues (1979) comenta que todas as culturas tratam sobre sexualidade (cada um por sua direção e tradição), porém aponta que as questões naturais referentes aos sexos dos indivíduos, são de fato um apontamento perante outro que se faz vigente. A expressão de gênero possuiu uma classificação determinista que a sociedade estereotipa.

Além disso, o fato de um individuo ser do sexo masculino ou do sexo feminino não significa apenas que ele possui uma determinada conformação anatômica e fisiológica. Significa também que ele possuiu um *status* social, cujos limites, direitos e obrigações estão devidamente convencionados e em relação aos quais a comunidade mostra determinadas expectativas. Cozinhar ou dirigir empresas, caçar ou costurar, cuidar das crianças ou ler jornal, são ilustrações destas expectativas, que cada sociedade defini à sua maneira. (RODRIGUES, 1979, p.70).

Pensar sobre como o corpo, que se faz presente e ativo em uma sociedade seletiva, classificatória e marginalizadora, é se preocupar com cada individuo que não tem sua estrutura física enquadrada nos moldes padronizados, é pensar sobre

os indivíduos que não expressão comportamentos sociais ditos como os corretos, é pensar na desigualdade presente numa sociedade que visa impor a homogeneidade de forma opressora, entre outros fatores e problemáticas que englobam a temática corpo e como ele está inserido em nossa sociedade.

### **3.2. A CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO NO INDIVÍDUO DO SEXO MASCULINO**

Apesar de vivermos em sociedade (estruturada por leis que garantem os direitos de liberdade e em conjunto, a igualdade), todos nós estamos sujeitos à discriminação, seja por estrutura física corporal, cor de pele, situação econômica, sexo, gênero e outros fatores. Nossa atuação em sociedade nos expõe de tal forma que o corpo é mais social que individual, como afirma Rodrigues (1979).

Na dança não é diferente, para tanto, pretende-se aqui analisar um grupo que potencialmente sofre preconceitos pela inserção na prática de atividades rítmicas expressivas, sendo este, os indivíduos do sexo masculino.

A partir do conteúdo proveniente desenvolvido no estudo de Salomão e Maia (2013), algumas atitudes e características corporais, recebem uma classificação construída socialmente e culturalmente que podemos nominar de “generificação”, distinguindo a existência de atitudes, posturas e práticas determinadas para o sexo masculino e outras especificamente para o sexo feminino (afirmando o que é para homens e o que é para mulheres).

Esse termo “generificação” é apresentado na pesquisa de Martin (2014), que além de contribuir para com essa denominação, o estudo apresenta considerações importantes referentes ao entendimento sobre sexo e gênero, compreendendo que não são temas que possam ser erroneamente reduzidos a simplicidade de juntá-los como algo único sem distinção. O autor apresenta a diferenciação entre gênero e sexo, para que se rompa uma perspectiva arcaica determinista sobre a relação entre o sexo (referente ao biológico “macho e fêmea”) contrapondo a imensa possibilidade de construção, experiências e contexto relacionado ao gênero que a pessoa se reconhece enquanto sujeito.

Leitão e Sousa (1995) complementa a perspectiva adotada por esse estudo sobre a definição de sexo e gênero. A compreensão de sexo corresponde a estruturação biológica determinada pela morfologia somática, órgãos, genitália

externa, harmônios e os fatores que contribuem para as diferenciações entre ambos (sexo masculino e feminino) para com a sociedade. Sendo gênero, a construção e representação social de um sujeito perante a sociedade na qual está inserida, essa que solidificou a relação estreita do sexo masculino e feminino “macho-fêmea” para com o gênero masculino e feminino.

A representação social de um sujeito, referenciada por sua definição de gênero, é conturbada por uma sociedade, que segundo a revisão bibliográfica realizada por Martin (2014), está condicionada a um olhar heteronormativo, generalizador e repleto de padronização, que ao estar diante de alguém do sexo masculino, criam-se expectativas de como deve ser o seu comportamento e decisões.

Para Butler (2003), uma pessoa do sexo masculino, por exemplo, – biologicamente nascido macho – pode *performar* na sociedade com um gênero que não está diretamente relacionado ao seu sexo, ou seja, não é determinante que por ter nascido do sexo masculino, o indivíduo se reconheça enquanto “macho”. Butler reforça que somos criados em uma sociedade sob moldes biológicos e de imposições heterossexuais, fazendo com que haja essa relação enraizada circunstancial entre gênero e sexo.

Essa “generificação” sociocultural torna-se potencializadora de julgamentos interpessoais, visto que, um indivíduo que não exerce uma representação social retratada e composta pelas atitudes previamente padronizadas para o seu sexo, torna-se um ser que foge a normalidade vigente, sendo assim, podendo ser julgado por esta perspectiva conservadora e acarretando em consequências de violência e agressões hostis para este cidadão, podendo vitimizar pessoas por determinada atitude específicas, mesmo ela se reconhecendo enquanto gênero dentro dos padrões sociais normativos, biológicos, heterossexuais e generificados.

A nossa sociedade está condicionada a ser direcionada por valores e pensamentos que (diretamente e/ou indiretamente) discriminam e rotulam de forma pejorativa uma classe social, cultural ou até mesmo gênero e sexo, no que corrobora esse estudo, o homem na dança:

Esta concepção, estes preconceitos devem ser combatidos por serem conservadores e por se desvincularem de um contexto ultrapassado. É necessário a sua superação. (LEITÃO; SOUSA, 1995, p.258).

### **3.3. A DANÇA ENQUANTO MECANISMO DE INIBIÇÃO E POTENCIALIZADORA DE PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÃO**

Podemos encontrar inúmeros motivos para que nos motivem a praticar determinada atividade que nos dê prazer, proporcione um momento de socialização, bem estar e boas experiências, mas é importante evidenciarmos que existem fatores de inibição que contribuem para que os indivíduos deixem de realizar tais atividades ou nem inicie alguma. Para entendermos melhor, estão reunidas aqui certas definições proporcionadas pela Psicologia do Esporte e seus estudiosos, que nos auxiliam no entendimento desses fatores.

O medo é uma emoção que está presente em todas as pessoas e que segundo Machado (2006) se caracteriza com uma alteração fisiológica acompanhada de uma sensação de que algo muito ruim que irá acontecer, estado desagradável perante algo que insinua uma ameaça (real ou não). A partir da revisão realizada por Lavoura, Melo e Machado (2007) observa-se que o medo pode emergir de diferentes focos, sendo receio de um vexame social (sendo a atividade que executa possui a visibilidade de terceiros) assim havendo uma diminuição da sua figura social e afirmação de personalidade, preocupação com a execução correta de movimentos, temer o fracasso, entre outros.

Fazendo uma correlação do que até aqui já foi adquirido de definições acerca do medo com a prática da dança, entende-se que para alguém que deseja iniciar uma atividade rítmica, ou mesmo já estando nela, o medo:

[...] muitas vezes conduz à insegurança do movimento, à inibição de execução do movimento e à perda de pré-requisitos, reguladores e diretores emocionais e cognitivos da performance, provocando uma perturbação no desenrolar da ação e, com isto, de fato, o fracasso. (LAVOURA; MELO; MACHADO, 2007, p. 78).

Quando nos voltamos para a compreensão da dança e sua contextualização histórica e como ela se dá na prática, vemos os sujeitos envolvidos em atividade que o colocam em situações de exposição de seus gestos rítmicos, assim estando diretamente ligado com a exposição que o indivíduo se coloca perante o que está externo a ele, dessa forma podendo estar mais vulnerável a percepção social. Thomas (1983) nos ajuda compreender que essa insegurança e temor de um

vexame social, medo este, que pode também estar acompanhado do estado emocional chamado vergonha.

Trazendo a conceituação de vergonha para essa pesquisa, destaca-se a definição apontada por La Taille (2002), que defini vergonha sendo estado emocional causado pela exposição socioafetiva do um individuo resultante em uma sensação de desconforto afetando a autoimagem, autoestima, assim como outras consequências.

No que tange a exposição se um sujeito a situações sociais, La Taille (2002) aponta que a vergonha pode estar presente e se manifestar de diferentes formas. O autor então faz uma classificação elencando a vergonha em 7 estados: vergonha-contágio; vergonha-norma; vergonha-padrão; vergonha-meta; vergonha-humilhação; vergonha-ação e vergonha-pura.

- Vergonha-pura: surge simplesmente pelo fato do sujeito estar sendo observado.
- Vergonha-ação: surge quando o sujeito está sendo observado realizando alguma ação.
- Vergonha-humilhação: surge quando é ou teme ser rebaixada.
- Vergonha-meta: surge por temer não conseguir concluir ou por não ter conseguido concluir o objetivo.
- Vergonha-padrão: motivada pelo sujeito estar fora dos padrões do grupo no qual está inserido.
- Vergonha-norma: motiva por quebrar algum acordo, norma ou regra.
- Vergonha-contágio: causada pela ação e exposição de outro individuo.

Para Dantas et al. (1999) o corpo humano (assim como o corpo que dança), está em constante mudança e construção, devido aos movimentos e situações que lhe são oferecidas, assim temos mais uma constatação que nos leva entender a tal devotada exposição social que vivenciamos no cotidiano. Por tal exposição e vivência constante com possibilidades de decisões, escolhas e as mais diversificadas resoluções de problemas, nós estamos sujeitos a sermos influenciados por nossas emoções e isso incluem o medo e a vergonha.

A dança pode ser mais uma ferramenta a ser utilizada para formação, entretenimento e prazer, mas também a ser potencializadora para que essas emoções venham inibir ou afastar as pessoas de sua prática, visto que ela colocam

o indivíduo em situações de construção e descobrimento corpóreo, assim como exposição para visibilidade, nas quais, podem acarretar em inúmeras consequências que determinados sujeitos possam interpretar como ameaçadora ou vergonhosa. Nesta linha de raciocínio, para compreendermos tal grandiosidade que é a compreensão de corpo, esse que é capaz de dançar, entendendo que hoje:

[...] a arquitetura do corpo não é mais reduzida à engenharia genética, mas resultado de um processo do imaginário humano. [...] a construção do corpo não pode ser vista apenas como corpo individual que eu construo, mas se trata de um corpo que eu construo sob o olhar do outro e para que ele possa ser olhado pelo outro. (SANTIN, 1995 apud DANTAS et al., 1999, p. 111).

Adentrando no mundo da dança, sabendo da sua mediação motivadora do medo e da vergonha, temos que tomar por conhecimento que existem vários estilos de dança que refletem e representam determinados grupos sociais e culturais, sendo estes impulsionados por artistas, músicas e tantas outras manifestações culturais.

Por meio da pesquisa de Dantas et al. (1999) podemos ver como esses diversos estilos de dança traduzem as diferentes representações sociais e como cada grupo determina e normatiza os movimentos do corpo humano, observando que historicamente a sociedade diferencia esses movimentos denominando-os por gênero (movimentos masculinos e movimentos femininos). Isso é apontado nos resultados do estudo, sendo um dos fatores causadores da vergonha em dançar, pois segundo alguns dos relatos coletados constam informações de experiências com o preconceito por executar movimentos que não pertencem ao gênero de quem o executa perante os olhos do grupo social no qual estão inseridos.

É importante salientar que estes estilos de música e dança traduzem valores próprios ao grupo, principalmente no que se refere à diferenciação dos papéis sociais de acordo com o gênero sexual, à afirmação de uma identidade étnica e à realização de um objetivo coletivo. (DANTAS et al., p. 115, 1999).

Nossas ações e movimentos corpóreos denominados dessa forma, classificando-os por gênero, demonstra-se uma afirmação de uma sociedade que possui modos de agir e pensar enraizados num passado arcaico e conservador. Leitão e Sousa (1995) apontam que tudo isso influencia cada vez mais outras pessoas a pensarem da mesma forma sem se importar com os motivos,

intencionalidades e razões das ações e pensamentos das pessoas que são julgadas, levando potencialmente ao preconceito, estereótipos e discriminação.

Para desenvolvimento desse trabalho, o estudo de Leitão e Sousa (1995) é fundamental para compreensão da relação do sujeito homem do sexo masculino inserido no mundo artístico da dança correlacionando com a presença de preconceitos que acompanham esse contexto.

### 3.4. WAACKING

Dentre as inúmeras possibilidades de análise da dança como ferramenta para o estudo sobre preconceitos contra indivíduos do sexo masculino, volta-se a atenção da temática para com a modalidade de dança Waacking. Para a total compreensão desse trabalho se faz necessário um levantamento histórico sobre o surgimento desse estilo de dança que aqui é apresentado e um detalhamento sobre como ele se dá em totalidade na sua prática.

#### 3.4.1. A HISTÓRIA

A partir do Web Site Waacking ([20--?])<sup>1</sup>, podemos ver os registros acerca do surgimento dessa modalidade de dança, que a define como pertencente às danças de rua, por seu enraizamento nas casas noturnas de Nova York nos anos 60. Foi por meio das músicas Disco e o Funk (em uma entrevista para o Web Site inglês Too Much Flavour em 2010, Ninja (2010)<sup>2</sup> – membro do “IHOW” Imperial House Of Waacking – cita também a presença importante do estilo Funk), que o estilo começou a se desenvolver. Esses dois ritmos musicais foram o veículo de condução que levou o Waacking a se expressar, destacando-se por suas duras batidas. Seguindo a linha temporal histórica do Waacking, no começo de 1970, Lamont Perterson em Los Angeles foi um dos pioneiros a utilizar os braços e o restante do

---

<sup>1</sup> WAACKING. Web Site **Waacking**. [20--?]. Disponível em: <<http://www.waacking.com/the-rebirth.html>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

<sup>2</sup> NINJA, Aus. **What is waacking: Aus Ninja (Imperial House of Waacking) on the differences between waacking and vogue**. Web Site Too Much Flavour, 2010. Disponível em: <<http://toomuchflavour.co.uk/what-is-waacking-aus-ninja-imperial-house-of-waacking-on-the-differences-between-waacking-and-vogue/>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

corpo para o ritmo, e então foi se aperfeiçoando com o passar do tempo (tendo Tinker, Arthur, Andrew, Lonnie Carbajal, Michael Angelo, Billy Starr, Tyrone Proctor, Jody Watley, Billy Goodson, Danny Logo, e Shabba Doo como participantes dessa evolução), mas foi a partir de Tyrone Proctor que a dança se oficializa, sendo ele considerado o pai do Waacking.

FIGURA 1 – Tyrone Proctor, o “pai” do Waacking.



Fonte<sup>3</sup>: (BARCELONA DANCE, 2010).

O Web Site Barcelona Dance publicou uma reportagem feita com o próprio Proctor (2010)<sup>4</sup> e nessa entrevista o dançarino conta que o Waacking pertence à comunidade gay, que na década de 70 as experiências expressivas da comunidade LGBT vieram a finalizar e contribuir com o que temos por movimentação e gesticulação da dança, que na época não recebia crenças a respeito sobre sua popularidade permear pelos anos que ainda viriam. Proctor (2010) comenta sobre a presença do público que fez estilo evoluir citando as performances das Drag

---

<sup>3</sup> FIGURA 1. Fonte: BARCELONA DANCE. Web Site. **Entrevista a Tyrone Proctor**. 2010. Disponível em: <<http://barcelona-dance.com/img/reportajes/Tyrone-Aus/Tyrone-Proctor3.jpg>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

<sup>4</sup> PROCTOR, T. **Entrevista a Tyrone Proctor**. Web Site Barcelona Dance, 2010. Disponível em: <<http://barcelona-dance.com/reportajes/Waacking-TyroneProctor1.php>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

Queens, além da comunidade negra e latina americana – como é citado no Waacking ([20--?])<sup>5</sup>

Em um programa musical de televisão que era apresentado nos Estados Unidos na década de 70, chamado Soul Train, que basicamente abordava grupos de cantores e dançarinos de Soul, Hip Hop, R&B, Jazz e até Gospel, trouxe para o público uma nova modalidade de dança por meio do Tyrone e outros que aderiram ao estilo.

Proctor (2010) constata a origem do nome dessa modalidade de dança – sendo que a mesma versão sobre o surgimento do nome é encontrada em outras fontes, como por exemplo, no Web Site Waacking e no Blog brasileiro de dança de rua Soul (Soul Street's Dance<sup>6</sup>). O nome Waacking surge quando na tentativa de Proctor comentar e ensinar como se dá a execução dos passos do estilo, ele dizia que cada gesto deveria ser marcante como a música Disco e que os movimentos de braços tinha que fazer “Wack” no espaço. Jeffrey Daniels (dançarino, coreógrafo, compositor e cantor) orientou que o nome para dança deviria permanecer a partir dessa expressão, porem com o acréscimo da mais uma letra “A”, para não fazer uma alusão à palavra “*wack*” do inglês que significa “bosta” – se remetendo a algo ruim – assim nasce o nome desse estilo de dança, o Waacking. Proctor (2013)<sup>7</sup> também deu uma entrevista rica para o site oficial do programa Soul Train, na qual, cita o carinho e agradecimento a Lamont Perterson, Mickey, Gary Keys, John Pickett, David Vensen, Dwayne Hargrave, Blinky, Arthur e André. Nos anos 70 forma-se o grupo primeiro grupo oficial de Waacking “The Outrageous Waack Dancers”, que segundo Proctor (2013) contava com o integrante Jody Watley do grupo pop Shalamar (grupo musical norte americano).

Remetendo-se a criação e nomenclatura, Proctor (2010) conta que prefere que as pessoas referencie como os criadores do Waacking, diferentes mentes junto a grandes dançarinos de estilos e possuidores de estilos diferentes, tendo como

---

<sup>5</sup> WAACKING. Web Site **Waacking**. [20--?]. Disponível em: <<http://www.waacking.com/the-rebirth.html>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

<sup>6</sup> SOUL STREET'S DANCE. Blog **Waacking/Punking**. 2009. Disponível em: <<http://soulstreetsdance.blogspot.com.br/2009/05/wackingpunking.html>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

<sup>7</sup> PROCTOR, T. **Diary of an ex-Soul Train Dancer presents: Tyrone “The Bone” Proctor**. Web Site Soul Train, 2013. Disponível em: <<http://soultrain.com/2013/08/26/diary-of-an-ex-soul-train-dancer-presents-tyrone-the-bone-proctor/>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

posse da autoria apenas sobre o nome “Waack” – quando o fez na tentativa de explicar como funcionam os movimentos do estilo.

Proctor (2010) relata que em 1991 quando estava em Osaka no Japão, Jeffrey Daniels o sugeriu que iniciasse a dar aulas de Waacking para as pessoas, porem segundo Too Much Flavour (2009) vemos que só em 2005, Tyrone começa trabalhar oficialmente ensinado Waacking em academias de Nova York devido um convite de Ryan Green. Inicialmente possuía uma pequena turma, porém dedicada ao estilo, dentre esses seus alunos estavam King Aus<sup>8</sup> (Ninja), Samara (Lockeroo) e Nedje (Black Kat) – os apelidos se fazem bastante presentes na cultura Hip Hop, sendo presente até para o próprio Tyrone que leva o apelido de “The Bone<sup>9</sup>”. Segundo Waacking ([20--?]), juntos começaram a espalhar o amor ao estilo de dança por meio de algumas turnês, levando-a para país com grande visibilidade como o Japão e a França. Após um evento ocorrido em agosto no ano de 2008, no qual, Tyrone teve a oportunidade de aproximação com Michael Jackson, foi realizada a primeira reunião empresarial oficial sobre a sua futura companhia de dança internacional de Waacking.

Passados mais de 30 anos da criação do estilo, no dia 17 de novembro de 2008, Tyrone Proctor abre a companhia internacional de dança pautada no Waacking, a IHOW (Imperial House Of Waacking), que primeiramente se instalou nos Estados Unidos (onde ela foi fundada) e no Canadá, hoje entre os vários países espalhados pelo mundo o site destaca Japão, Dinamarca, Inglaterra, Taiwan, Singapura, Itália, China, Filipinas, Malásia, Rússia, Coréia – em uma entrevista do Kumari Suraj (2009)<sup>10</sup>, vemos mais alguns nomes – França, Escandinávia e a África do Sul.

---

<sup>8</sup> Segundo o Web Site Too Much Flavour King Aus Ninja é filho de Tyrone Proctor. TOO MUCH FLAVOUR. Web Site. **Waacking**. 2009. Disponível em: <<http://toomuchflavour.co.uk/waacking/index.html>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

<sup>9</sup> Apelido “The Bone” referente ao Tyrone Proctor que encontra-se registrado no Web Site da Revista Dance Mogul. DANCE MOGUL . Magazine Web Site. **Tyrone “The Bone” Proctor/ Honoring our Legacy**. 2013. Disponível em: <<http://dancemogul.com/news/?p=3625>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

<sup>10</sup> SURAJI, K. **An interview with Princess Kumari of the Imperial House of Waacking**. Web Site Too Much Flavour, 2009. Disponível em: <[http://toomuchflavour.co.uk/features\\_interview\\_kumari\\_house\\_of\\_waackin.html](http://toomuchflavour.co.uk/features_interview_kumari_house_of_waackin.html)>. Acesso em: 29 ago. 2015.

FUGURA 2 – Logo da IHOW (Imperial House Of Waacking)



Fonte<sup>11</sup>: (WAACKING, [20--?]).

Segundo Waacking ([20--?]), hoje a IHOW é a companhia de dança de Waacking de maior inspiração – talvez a maior do mundo especializada no estilo – fazendo-se presente em muitas elaborações coreográficas e performances em filmes, programas midiáticos, compeonatos, mostra de prêmios, etc. A IHOW atualmente é impulsionada mundialmente pelo Aus Ninja e Kumari Suraj (Princesa Imperial Franki Douglas – apelido que reflete sua personalidade “tomboy/androgena” segundo a própria dançarina).

FIGURA 3 – Aus Ninja posando para foto.



Fonte<sup>12</sup>: (TOO MUCH FLAVOUR, 2010).

<sup>11</sup> FIGURA 2. Fonte: WAACKING. Web Site. **Waacking**. [20--?]. Disponível em: <<http://www.waacking.com/the-rebirth.html>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

<sup>12</sup> FIGURA 3. Fonte: TOO MUCH FLAVOUR. Web Site. **What is waacking: Aus Ninja (Imperial House of Waacking) on the differences between waacking and vogue**. 2010. Disponível em: <<http://toomuchflavour.co.uk/what-is-waacking-aus-ninja-imperial-house-of-waacking-on-the-differences-between-waacking-and-vogue/>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

FIGURA 4 – Kumari Suraj posando para foto



Fonte<sup>13</sup>: (TOO MUCH FLAVOUR, 2009).

### 3.4.2. A DANÇA.

Depois desse levantamento histórico contextualizado, para contemplar o entendimento pleno sobre o Waacking, é necessário abrangermos como ele se dá na prática, por meio dos gestos expressivos da dança, além de esclarecimentos sobre a diferenciação dela para com outros estilos. Utilizando das informações que constam no presente estudo é possível entendermos minimamente como o Waacking é dançado, pois para a compreensão total é necessário à prática.

Segundo afirma Too Much Favour (2009), o Waacking é reconhecido pelo sua feminilidade seguida de poses e movimentos rápidos (que acompanham e marcam a batida das músicas, assim aumentando a musicalidade da dança). Devido a comunidade LGBT (destacando-se para a história do Waacking, os “Gays” – pessoas do sexo masculino homossexuais), o estilo ganha uma estereotipação preconceituosa frente a presença da feminilidade na dança, o que segundo Yaundé

---

<sup>13</sup> FIGURA 4. Fonte: TOO MUCH FLAVOUR. **An interview with Princess Kumari of the Imperial House of Waacking.** 2009. Disponível em: <<http://toomuchflavour.co.uk/features-interview-kumari-house-of-waackin.html>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

(2010)<sup>14</sup> resultou na realização do estilo inicialmente “as escuras”, sem alta exposição social, Yaundé (2010) em seu Blog ainda relata que o Waacking vem a surgir ao lado de um outro estilo chamado de Locking, que dialogando com o Web Site Lockers Legends (2010)<sup>15</sup>, podemos ver semelhanças entre os estilos pelos movimentos de braços de apontar, girar e empurrar o ar, assim como o acompanhamento musical que dançavam.

Segundo o Soul Street's Dance (2009) e o como cita Yaundé (2010)<sup>16</sup> no Blog Mundo Waacking/Vogue, o Waacking seria o filho/versão “gay” do Locking, pelo motivo de ser desenvolvido pelos gays a partir dos passos da dança Locking, que posteriormente veio ser aderido pelas mulheres e até mesmo por membros do grupo de dança Locking, “The Locker’s” – como por exemplo, Shabba Doo.

Mesmo sendo semelhantes os movimentos – é claro, cada estilo com seus complementos e sob suas particularidades – Waacking ([20--?]), afirma uma ruptura, apontando que Locking e Waackig são estilos de danças distintos.

Diversas fontes apresentam além da relação do Waacking com o Locking, vemos também a comparação que é feita dele com o estilo de dance Vogue (ou Voguing), por ambos utilizarem de poses e suas coreografias. Waacking ([20--?]) comenta brevemente sobre a diferenciação desses estilos, apontando o Voguing como um estilo de dança mais antigo (mesmo sendo reconhecido e ganhado forças nos anos 80), classificando o Waacking como um estilo a ser dançado mais pelo ritmo musical Disco e o Voguing pelo House Dance. Conceituando melhor a distinção entre esses estilos, Aus Ninja (2010) fala que o Waacking nasceu do Disco Music e do Funk, portanto seus movimentos são mais emocionais, mais rápidos e dinâmicos, para que cada gesto marque a batida, já referente as poses, Ninja comenta que entre as poses presentes no Waacking pode-se ver os braços e/ou o corpo ainda em movimento marcando a música, o que não acontece no

---

<sup>14</sup> YAUNDÉ. **Qual a diferença entre Waacking e Pinking?** Blog Mundo Waacking/Voguing, 2010. Disponível em: <[http://mundowaackingvogue.blogspot.com.br/2010/11/qual-diferenca-entre-waacking-e-pinking\\_09.html](http://mundowaackingvogue.blogspot.com.br/2010/11/qual-diferenca-entre-waacking-e-pinking_09.html)>. Acesso em 28 ago. 2015.

<sup>15</sup> LOCKERS LEGEND. Web Site. **The Streetdance called Locking**. 2008. Disponível em: <[http://www.lockerlegends.net/?page\\_id=38](http://www.lockerlegends.net/?page_id=38)>. Acesso em: 29 ago. 2015.

<sup>16</sup> YAUNDÉ. **A história do Locking no Waacking, segundo Frank Ejara**. Blog Mundo Waacking/Voguing, 2010. Disponível em: <<http://mundowaackingvogue.blogspot.com.br/2010/11/o-locking-no-waacking-segundo-frank.html>>. Acesso em 30 ago. 2015.

Voguin que é menos dinâmico, ele realiza seus movimentos coreográficos nas poses, seguido de mais poses – Aus ainda trás curiosidades sobre o estilo dizendo que o Voguin era utilizado nas cadeias dos estados unidos como entretenimento dos presos.

Para concluir essas comparações, Proctor (2010) afirma a total distinção do Waacking para o Locking e que essa comparação quando feita, é por falta de um olhar para o contexto da época em que foram criados, pois o Waacking por originar de gays – com a presença importante das Drag – era dançado no “subsolo”, devido ao medo que as pessoas tinham de serem rotuladas pejorativamente de homossexuais, fazendo as pessoas não aderirem ao estilo, aproveitando esse cenário que Waacking cai, o Locking que utilizava de passos semelhantes teve oportunidade de se instalar – estilo que pertencia e era aceito pela comunidade heterossexual. Proctor (2010) ainda expõem apontamentos contrapondo algumas colocações referentes à comparação do Locking com o Waacking, mas ainda elogiando e parabenizando o trabalho feito por Don Campbell pela criação e difusão desse estilo, sem deixar de agradecer a sua influência e do The Locker’s, que sempre apoiaram e respeitaram os homossexuais na época.

Junto a essa afirmação mais as informações que constam no Soul Street's Dance (2009) e nos relatos de Yaundé (2010), Proctor (2010) menciona o Puncking – o Waacking hetero – que a partir dos poucos heterossexuais que frequentavam as boates gays e observavam o Waacking, desenvolveram o Puncking. Ele é dançando ainda utilizando poses com movimentos de braço marcando a batida da música (alguns fazendo alusão a golpes quando dançado enfrentando alguém), porém diminui-se e quase se perde a feminilidade (um dos motivos dos xigamentos de “gay” para quem dançava Waacking, afetando principalmente os indivíduos do sexo masculino). Mesmo com outra nomenclatura, as referências consideram o Puncking ainda como Waacking, o que podemos dizer sendo ele como uma variação ou outra maneira de dançá-lo.

Para marcar o seu surgimento oficial midiático da dança, Proctor (2010) conta que a própria cantora Jodie Watley ligou convidando para participar do seu *single* (vídeo clipe) chamado “Still A Thrill”<sup>17</sup> lançado em 1987 e a partir dessa visibilidade teve a oportunidade de coreografar o *single* da cantora Taylor Dayne em 1987

---

<sup>17</sup> JODYWATLEYVEVO. Canal do YouTube. **Jody Watley - Still A Thrill**. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kg6Dt3pia9g>>. Acesso em: 23 set. 2015.

chamado “Tell It To My Heart”<sup>18</sup>, lançado em 1988, mas Proctor (2010) conta que antes mesmo dessa importante exposição do estilo por meio desses clipes musicais, ele já havia visto movimentos do Waacking e do Locking no filme “Saturday Night Fever” realizados por John Travolta.

Compreendendo as características do Waacking, após um diálogo entre os referenciais que contam sobre a sua classificação perante outros estilos que lhe são próximos, devemos nos atentar para os movimentos – pelos menos os que são macros – para uma melhor compreensão sobre a parte prática dessa modalidade de dança pertencente às danças de rua. Seguindo esse raciocínio, a baixo está descrito alguns movimentos, poses e posturas, trazendo para a nossa realidade com uma interpretação contemporânea, uma melhor compreensão exemplificada sobre como dançar o Waacking.

## **AS MÃOS**

Dentre os vários movimentos produzidos pelas mãos dos dançarinos pode se destacar os mais frequentes, que entre eles estão:

- O apontar, que se dá com a mão fechada estendendo o dedo indicador, o médio ou ambos. Nas competições vemos esse movimento sendo utilizado de forma a simular a uma faca ou navalha, que é direcionada ao oponente sem que haja o toque.

---

<sup>18</sup> TAYLORDAYNEVEVO. Canal do YouTube. **Tell It To My Heart**. 2009. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Ud6sU3AclT4>>. Acesso em: 23 set. 2015.

FIGURA 5 – Tyrone Proctor dançando Waacking



Fonte<sup>19</sup>: *Print screen* do vídeo Tyrone Proctor Teaching Waacking (DRPEPPA1906, 2007).

- O leque, que podemos descrevê-lo quando dançado com as mãos abertas (dedos estendidos e afastados). Quando utilizado em competições e em algumas coreografias, podemos ver a expressão cênica do dançarino se abanando.

FIGURA 6 – Tyrone Proctor dançando Waacking



Fonte<sup>20</sup>: *Print screen* do vídeo Tyrone Proctor Teaching Waacking (DRPEPPA1906, 2007).

---

<sup>19</sup> FIGURA 6. Fonte: DRPEPPA1906. Canal do YouTube. **Tyrone Proctor Teaching Waacking**. *Print Screen* do Vídeo, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GLbhUWqAR4o>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

<sup>20</sup> FIGURA 6. Fonte: DRPEPPA1906. Canal do YouTube. **Tyrone Proctor Teaching Waacking**. *Print Screen* do Vídeo, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GLbhUWqAR4o>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

- Giros de punho, possíveis pela articulação do punho, são realizados juntamente com a movimentação de rotação e/ou giros dos braços.

FIGURA 7 – Tyrone Proctor dançando Waacking



Fonte<sup>21</sup>: *Print screen* do vídeo Tyrone Proctor Teaching Waacking (DRPEPPA1906, 2007).

- Os socos, feitos com os punhos fechados, dedos flexionados (recolhidos), utilizados de forma semelhante ao apontar.

FIGURA 8 – Tyrone Proctor dançando Waacking



Fonte<sup>22</sup>: *Print screen* do vídeo Tyrone Proctor Teaching Waacking (DRPEPPA1906, 2007).

---

<sup>21</sup> FIGURA 7. Fonte: DRPEPPA1906. Canal do YouTube. **Tyrone Proctor Teaching Waacking**. *Print Screen* do Vídeo, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GLbhUWqAR4o>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

<sup>22</sup> FIGURA 8. Fonte: DRPEPPA1906. Canal do YouTube. **Tyrone Proctor Teaching Waacking**. *Print Screen* do Vídeo, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GLbhUWqAR4o>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

## OS BRAÇOS

Visto a vasta capacidade de movimentos e improvisação possíveis com os braços, descritos estão:

- O jogar, referente ao movimento de agrupar os membros superiores, como se estivesse segurando algo com uma das mãos ou com ambas e jogá-los para sentido periférico do tronco, nas mais variadas direções.

FIGURA 9 – Tyrone Proctor dançando Waacking



Fonte<sup>23</sup>: *Print screen* do vídeo Tyrone Proctor Teaching Waacking (DRPEPPA1906, 2007).

- O girar, produzidos a partir das rotações e giros produzidos pelos membros superiores em torno do próprio eixo, como também pelo corpo. Sendo presente nas diferentes articulações dos membros superiores, citando aqui, a do cotovelo e ombro, alcançando diferentes alturas e direções.

---

<sup>23</sup> FIGURA 9. Fonte: DRPEPPA1906. Canal do YouTube. **Tyrone Proctor Teaching Waacking**. *Print Screen* do Vídeo, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GLbhUWqAR4o>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

FIGURA 10 – Coreografia da Kumari Suraj apresentada no Reality Show Musical So You Think Can Dance.



Fonte<sup>24</sup>: *Print screen* do vídeo Kumari's Waacking Choreo Debut on SYTYCD Season 8 (US) (KUMARISURAJ, 2012).

### AS POSES

As poses aparecem marcando pausas específicas das músicas com breve duração para não perder a dinamicidade da dança, sendo também utilizada com intencionalidades diversas frente a ocasião performática.

FIGURA 11 – Coreografia com temática indiana da Kumari Suraj



Fonte<sup>25</sup>: *Print screen* do vídeo Waacking In India | @KUMARISURAJ #HouseofSuraj (KUMARISURAJ, 2014)

<sup>24</sup> FIGURA 10. Fonte: KUMARISURAJ. Canal do Youtube. **Kumari's Waacking Choreo Debut on SYTYCD Season 8 (US)**. *Print Screen* do Vídeo, 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=tzNNL8-r9ek>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

<sup>25</sup> FIGURA 11. Fonte: KUMARISURAJ. Canal do Youtube. **Waacking In India | @KUMARISURAJ #HouseofSuraj**. *Print Screen* do Vídeo, 2014. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=kq918DYAyA4>>. Acesso em: 30 ago. 2015

## AS PERNAS

Em meios as possibilidades que os membros inferiores podem contribuir para o estilo destaca-se:

- A marcação refere-se ao tocar o chão com os pés, em diferentes direções na batida da música, assim aumentando sua musicalidade.

FIGURA 12 – Tyrone Proctor dançando Waacking.



Fonte<sup>26</sup>: *Print screen* do vídeo Tyrone Proctor Teaching Waacking (DRPEPPA1906, 2007).

- O andar que é marcado pelos passos anteroposteriores dos membros inferiores com a possibilidade de variadas direções e intencionalidades (podendo ser expressos transitando desde a imponência até a descontração cômica).

---

<sup>26</sup> FIGURA 12. Fonte: DRPEPPA1906. Canal do YouTube. **Tyrone Proctor Teaching Waacking.** *Print Screen* do Vídeo, 2007. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GLbhUWqAR4o>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

FIGURA 13 – Coreografia da Kumari Suraj apresentada no Reality Show Musical So You Think Can Dance.



Fonte<sup>27</sup>: *Print screen* do vídeo Kumari's Waacking Choreo Debut on SYTYCD Season 8 (US) (KUMARISURAJ, 2012).

- O deslocamento pelo espaço de performance, engloba as diferentes alturas, direções e gestos motores produzidos por meio dos membros inferiores.

FIGURA 14 – Coreografia da Kumari Suraj apresentada no Reality Show Musical So You Think Can Dance.



Fonte<sup>28</sup>: *Print screen* do vídeo Kumari's Waacking Choreo Debut on SYTYCD Season 8 (US) (KUMARISURAJ, 2012).

<sup>27</sup> FIGURA 13. Fonte: KUMARISURAJ. Canal do Youtube. **Kumari's Waacking Choreo Debut on SYTYCD Season 8 (US)**. *Print Screen* do Vídeo, 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=tzNNL8-r9ek>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

<sup>28</sup> FIGURA 14. KUMARISURAJ. Canal do Youtube. **Kumari's Waacking Choreo Debut on SYTYCD Season 8 (US)**. *Print Screen* do Vídeo, 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=tzNNL8-r9ek>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

## A CABEÇA

A cabeça, em suma, é a uma forte produtora de intencionalidade e expressões nas coreografias, local onde se encontram as expressões faciais e movimentos (potencializados pela articulação do pescoço) que enriquecem a dança.

FIGURA 15 – Coreografia com temática indiana da Kumari Suraj



Fonte<sup>29</sup>: *Print screen* do vídeo *Waacking In India | @KUMARISURAJ #HouseofSuraj* (KUMARISURAJ, 2014)

## TRONCO

A flexão, extensão e inclinação de tronco aparecem como forma de marcação rítmica ou meio de atenuação expressiva quando combinado com algum movimento em oposição.

---

<sup>29</sup> FIGURA 15. Fonte: KUMARISURAJ. Canal do Youtube. **Waacking In India | @KUMARISURAJ #HouseofSuraj**. *Print Screen* do Vídeo, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kq918DYAyA4>>. Acesso em: 30 ago. 2015

FIGURA 16 – Coreografia com temática indiana da Kumari Suraj



Fonte<sup>30</sup>: *Print screen* do vídeo *Waacking In India | @KUMARISURAJ #HouseofSuraj* (KUMARISURAJ, 2014)

---

<sup>30</sup>FIGURA 16. Fonte: KUMARISURAJ. Canal do Youtube. **Waacking In India | @KUMARISURAJ #HouseofSuraj.** *Print Screen* do Vídeo, 2014. Disponível em: <  
<https://www.youtube.com/watch?v=kq918DYAyA4>>. Acesso em: 30 ago. 2015

## 4. PROCESSOS METODOLÓGICOS

Foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica, sob uma abordagem qualitativa, visto que, é o passo inicial para todo trabalho científico, por proporcionar maiores informações sobre seu objeto de estudo à quem pesquisa. Para Macedo (1994) é uma abordagem inicial para qualquer trabalho de pesquisa, envolvendo vários procedimentos metodológicos delimitados a partir de um tema, a análise de matérias ocorre a partir de fontes confiáveis, fazendo assim o levantamento de uma bibliografia básica, para o presente estudo, mas essa pesquisa possui também um interesse quantitativo (o que classifica esse Trabalho de Conclusão de Curso como Quali-Quantitativo), visto que o objeto de estudo é buscar os artigos publicados em revistas e bancos de dados científicos online, que foram analisados, a fim de verificar se há a presença de preconceitos e estereótipos sobre os indivíduos do sexo masculino no estilo de dança Waacking.

Dos resultados obtidos a partir dos artigos que se enquadram na qualificação deste trabalho, a análise realizada se deu da seguinte partindo do seguinte conceito.

A tarefa da análise implica, num primeiro momento, a organização de todo material, dividindo em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.45).

### 4.1. CATEGORIZAÇÃO

Partindo desse pressuposto se seguiu um direcionamento adequado de intervenção no tratamento dos dados obtidos pelos artigos destacados para esta pesquisa. Os resultados foram categorizados em temas. “A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos”. (FRANCO, 2007, p.59). Assim melhorando a organização e entendimento dos resultados:

- **RELACIONADOS AO WAACKING**

Visto que o objetivo do trabalho tem como especificidade o estilo de dança Waacking, é importante que exista um olhar para tais contribuições vindas dos arquivos encontrados acerca dessa modalidade de dança de rua. Portanto todo o

conteúdo informando sobre o Waacking será reunido neste tema da categorização da avaliação;

- **RELACIONADOS A SEXO E GÊNERO**

Neste tema, foi reunido os assuntos e comentários que durante o corpo do texto apresente relação com questões de gênero e sexualidade, com enfoque para o que envolve o indivíduo do sexo masculino, como a diferenciação de possibilidades, habilidades, deveres e normas para o sexo masculino, assim como para questões de gênero, pois é por meio do gênero que hoje a sociedade reafirma o sexo;

- **RELACIONADOS A ESTEREÓTIPOS**

Vendo uma sociedade normativa que impõem os comportamentos que temos ter, as decisões que devemos tomar e o perfil de pessoa que temos que ser, neste tema da categorização avaliativa, foi reunido informações que apresentassem claros estereótipos, assim como termos que pré-julgassem, determinassem ou representassem alguém por meio dele, a partir dos presentes trabalhos encontrado;

- **RELACIONADOS A FATORES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE**

O que sustenta esta pesquisa é o referencial teórico e os estudos que são desenvolvidos a partir de uma psicologia que estuda a motricidade humana e sua contextualização, entendendo que o ser humano influencia e é influenciado pelo meio em que vive.

Motivada pelos trabalhos que são desenvolvidos no Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte (LEPESPE), essa pesquisa nesse tópico pretendeu reunir os fatores que compõem a Psicologia do Esporte, entendendo que ela discute emoções, motivação, liderança, treinamento, personalidade, autoimagem, mídia e tecnologia, entre outros temas que ligados ao foco desse trabalho de conclusão de curso, a fim de reunir argumentação para os demais tópicos a cima, sempre visando o objetivo dessa pesquisa;

- **CONTEÚDOS QUE NÃO SE ENQUADRAM NOS TEMAS A CIMA**

Neste tema foram reunidos todos os conteúdos que se destacam para contribuição da pesquisa, tais que não se enquadram nos tópicos temáticos citados a cima. Aqui foi selecionado o acervo histórico, curiosidades sobre o tema e o contexto que esse trabalho resolveu estudar, assim como resumo do que é comentado nos resultados que não possuem ligação para essa pesquisa (mas que contemple a utilização de todo o conteúdo adquirido a partir da busca nos bancos de dados online pré-selecionados por essa pesquisa).

## 4.2. ANÁLISE DA COLETA DE DADOS

A busca dos artigos que aqui foram avaliados foi realizada na internet. A internet foi o mediador dessa procura, tendo os seguintes sites como fontes ricas de publicações acadêmicas, e que contribuíram com essa pesquisa: o Google Acadêmico (como o filtro para pesquisas apenas em idioma em português – visto que o foco da pesquisa é reunir publicações nacionais); Portal de Periódicos CAPES/MEC; e a SciELO – (Scientific Electronic Library Online) que é “uma biblioteca virtual piloto que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, com base hospedada na Fapesp. Apresenta textos completos de artigos em diferentes áreas” (GIL, 2008, p.74). Foram selecionados os seguintes bancos de dados por sua popularidade e aporte quantitativo de publicações com importância a nível nacional e internacional.

Estes bancos de dados (revistas eletrônicas e bibliotecas virtuais) “constituem o meio mais importante para a comunicação científica. Graças a eles é que vêm-se tornando possível a comunicação formal dos resultados de pesquisas originais e a manutenção do padrão de qualidade na investigação científica” (GIL, 2008, p.66). Portanto foi selecionada uma palavra chave que direciona a pesquisa e contempla o que o objetivo deste estudo, destacando-se para: “Waacking”.

A partir desses temas organizados, o conteúdo foi analisado, pois “[...] é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem.” (FRANCO, 2007, p.23).

Os critérios de análise dos resultados estruturam-se seguindo um protocolo de verificação, no qual, direciona a avaliação apenas para trabalhos acadêmicos que foram publicados na língua portuguesa e especificamente contenha no corpo de texto a palavra “Waacking”, com isso, tornando possível estruturar uma categorização de resultados e discussão que não se fuja do objetivo da pesquisa.

## 5. RESULTADOS

Como apresentado na metodologia, foi realizada uma busca em bancos de dados online a fim de descobrir pesquisas nacionais e suas contribuições a cerca do preconceito e estereótipos do sexo masculino em específico no estilo de dança Waacking. Encontra-se aqui elencado os arquivos dos bancos de dados que foram selecionados para a análise, apresentando em tópicos os resultados obtidos provenientes da palavra chave escolhida para a pesquisa (que resumisse e contemplasse todo o tema e objetivo do estudo), sendo ela:

Palavra Chave – Waacking.

### 5.1. GOOGLE ACADÊMICO (Publicações na Língua Portuguesa – Filtro)

- Bohemian Rhapsody: Performance, ritual e relações de gênero no Breaking. – (Acadêmico) Brasil, 2012
- Cultura Hip Hop: a influência da dança de rua na motivação dos praticantes da cidade de Curitiba. – (Acadêmico) Brasil, 2014.
- Implantação de planejamento e controle e controle financeiro: O caso da evidence, academia de dança. – (Acadêmico) Brasil, 2013.

### 5.2. PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES/MEC

- B. Supreme; Dance – (Artigo de Jornal) Inglaterra, 2010.
- B. Supreme; Dance – (Artigo de Jornal) Inglaterra, 2010.
- The Listings – (Artigo de Jornal) Estados Unidos, 2012.
- ExCos exude excellence – (Artigo de Jornal) Estados Unidos, 2013.
- Eriko Jimbo: fighting through injury, fueled by passion – (Acadêmico) Estados Unidos, 2012.
- Not such a man's world: a global festival celebrates women in Hip-Hop – (Acadêmico) Estados Unidos, 2012.
- Twerks — (Acadêmico) Estados Unidos, 2012.
- Where hip-hop meets the martial arts – (Resenha de Jornal) Estados Unidos, 2011.
- Let mee blow your mind: Hip Hop feminist futures in theory and praxis – (Acadêmico) Estados Unidos, 2015.

### 5.3. SciELO – (Scientific Electronic Library Online)

- **Palavra Chave:** Waacking
  - Nenhum resultado encontrado.

### 5.4. REPRESENTAÇÃO ILUSTRATIVA DOS RESULTADOS

TABELA 1 – Resultados da pesquisa nos bancos de dados online.

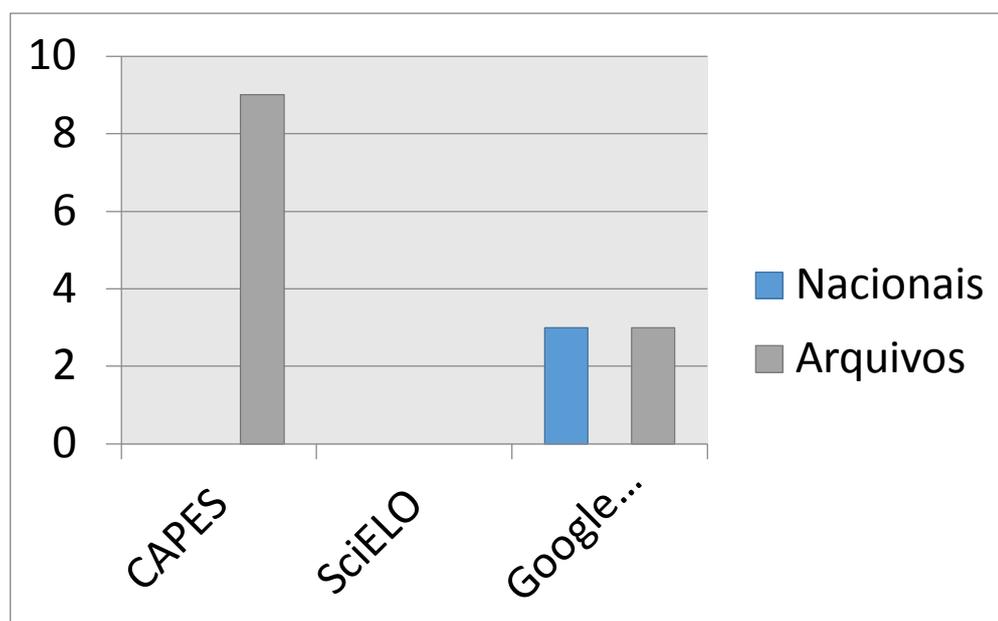
<b>Nome do Arquivo</b>	<b>Banco de Dados</b>	<b>Tipo</b>	<b>País</b>	<b>Ano</b>
B. Supreme; Dance	CAPES/MEC	Artigo de Jornal	Inglaterra	2010
B. Supreme; Dance	CAPES/MEC	Artigo de Jornal	Inglaterra	2010
Bohemian Rhapsody: performance, ritual e relações de gênero no Breaking	Google Acadêmico	Dissertação de Mestrado	Brasil	2012
Cultura Hip Hop: a influência da dança de rua na motivação dos praticantes da cidade de Curitiba.	Google Acadêmico	Trabalho de Conclusão de Curso	Brasil	2014
Eriko Jimbo: fighting through injury, fueled by passion	CAPES/MEC	Artigo Científico	Estados Unidos	2014
ExCos exude excellence	CAPES/MEC	Artigo de Jornal	Estados Unidos	2013
Implantação de planejamento e controle e controle	Google Acadêmico	Trabalho de Conclusão de Curso	Brasil	2013

financeiro: O caso da Evidance, academia de dança				
Let mee blow your mind: Hip Hop feminist futures in theory and praxis	CAPES/MEC	Artigo Cientifico	Estados Unidos	2015
Not such a man's world: a global festival celebrates women in Hip-Hop	CAPES/MEC	Artigo Cientifico	Estados Unidos	2012
The Listings	CAPES/MEC	Artigo de Jornal	Estados Unidos	2012
Twerks	CAPES/MEC	Artigo Cientifico	Estados Unidos	2012
Where hip-hop meets the martial arts	CAPES/MEC	Resenha de Jornal	Estados Unidos	2011

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os arquivos encontrados a partir da palavra chave “Waacking” foram reunidos e com isso, torna-se possível avançar rumo à análise detalhada sobre seus conteúdos e contribuições para com a temática deste trabalho. Contribuindo para melhor visibilidade dos resultados provenientes da pesquisa no Google Acadêmico, SciELO e no banco de dados da CAPES, segue abaixo um gráfico com apontando o que foi coletado:

GRÁFICO 1 – Arquivos encontrados nos bancos de dados.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para esse trabalho destaca-se a atenção apenas para os arquivos encontrados no Google Acadêmico. Devido ao objetivo de reunir publicações nacionais, os demais arquivos listados pelo banco de dados da Capes não se enquadram aos critérios de análise, além de não ser citada a verificação dos arquivos da biblioteca online SciELO por não resultar em nenhum arquivo encontrado a partir da palavra chave. Portanto o material analisado foi:

- 1) A Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Minas Gerais do Programa de Pós Graduação do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, obra intitulada de *“Bohemian Rhapsody: performance, ritual e relações de gênero no Breaking”*, finalizada em 2012. (GONÇALVES, 2012).
- 2) Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Tecnológica Federal do Paraná apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física intitulado de *“Cultura Hip Hop: a influência da dança de rua na motivação dos praticantes da cidade de Curitiba”*, entregue em 2014. (CAMARGO, 2014).
- 3) Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal do Rio Grande do Norte apresentado ao Curso de Administração intitulado de *“Implantação de planejamento e controle e controle financeiro: O caso da evidance, academia de dança”*, entregue em 2013. (SOUZA, 2013).

## 6. ANÁLISE

Após uma verificação crítica dos trabalhos resultantes da busca no Google Acadêmico, foi realizada uma categorização de conteúdos para melhor organização e visibilidade da contribuição dos arquivos encontrados para a temática sugerida por essa pesquisa e para o cenário brasileiro preocupado com a mesma.

### 6.1. BOHEMIAN RHAPSODY: PERFORMANCE, RITUAL E RELAÇÕES DE GÊNERO NO BREAKING.

- **Relacionados ao Waacking;**

Não apresenta nenhuma consideração registrada acerca do estilo de dança Waacking, apenas o cita como um dentre vários outros estilos de dança de rua.

- **Relacionados a gênero e sexualidade;**

Um dos elementos que compõem o Hip Hop é da dança (em específico o Breaking, que foi o estilo pioneiro), e desde 1970 quando ele surgiu o praticante menino é denominado como Break-Boy (b-boy) e a praticante menina é chamada de Break-Girl (b-girl)

Referente aos movimentos do Break, eles são rápidos, marcados, agressivos e fortes, nos quais, expõem e explora bastante a virilidade masculina na cultura como um todo (como mostrados em fotos no trabalho antropológico da autora, gestos que remetem e enfatizam a localização e o membro genital do sexo masculino).

O corpo é capaz e é uma grande ferramenta de comunicação Cada gesto, cada movimento, expressão, assim como cada escolha e decisão tomada está embainhada por valores individuais e coletivos da sociedade e cultura em que está inserido. A partir disso, é possível verificar também o seu posicionamento quanto a gêneros (visão sobre si e como vê o outro) por meio da grafia gestual de um indivíduo. Os gestos produzidos pelos indivíduos que batalham dançando Breaking expressam a superioridade para com o seu adversário, fazendo movimentos obscenos e de humilhação (a autora nos direciona a lembrar como e por quem a dança Breaking foi criada – por adolescentes masculinos – o que alguns influentes do estilo justificam ser normal essas provocações entre os jovens).

Os gestos que são aprendidos e passados fazem parte de um fenômeno social, que diferenciam culturas, mas também a separação, distinção e classificação dos sexos, por exemplo, enquanto é normal o ato de tirar a camiseta para os homens, e não para as mulheres.

A autora relata em sua busca que recebeu olhares “*tortos*” e contata a pouca presença das mulheres no ambiente do Hip Hop, ouvindo comentários provocativos/pejorativos semelhantes aos que as mulheres que frequentam as rodas de Breaking ouvem, sendo esse acontecimento um dos motivadores para a sua busca da mulher (b-girl) no mundo do Breaking. O que resultou em encontrar poucas, e dentro dessas, muitas são reconhecidas como b-girls apenas por suas semelhantes, sendo deixadas de lado pelos b-boys que afirmam não pertencerem ao Breaking (alegando que elas não vivem o Hip Hop – não dominam a história, o estilo de vida, como se vestir – apenas dançam o Breaking). Com isso, podemos ver um posicionamento (intencional consciente ou não, mas ainda pejorativo) machista e preconceituoso dos b-boys e da cultura Hip Hop, classificando a dança como pertencente apenas ao sexo feminino, generificando-a como feminina, pois o que pertence ao homem vai além do dançar, é mais complexo e abrangente que isso.

Por uma visão antropológica que autora dessa dissertação buscou ter a partir dessa temática, verifica-se a distinção das qualidades e possibilidades do sexo masculino e do feminino, apontando que historicamente por meio de uma construção conceitual machista, o indivíduo do sexo masculino é o possuidor da capacidade de criação artística, cultural e habilidade de moldar a natureza, e a mulher nesse contexto como algo que o homem também molda, tratando-a como algo natural (pertencente a natureza, primitivo, que não produz objetos ou acontecimentos significativos, e o que produz é a reprodução do que o homem fez (mais uma vez se voltando ao natural – dando a luz a prole). Tento como exemplo, quando nos voltamos para tratar da relação sexual, o indivíduo do sexo masculino carrega a significação do agente principal da ação e a mulher sendo o seu objeto para a realização do ato.

As expressões de gênero estruturadas por uma sociedade com pensamento patriarcal machista, enfatizam ainda mais uma diferença que já existe entre os sexos devido a estrutura biológica de cada um. Essa construção normativa de gênero fundamenta a significação que o sujeito do sexo masculino deve ser forte, sempre viril, não ter medo, ser ativo, sendo o sexo feminino classificado para ser dócil, frágil,

meigo, passivo, etc. Devido a tal imposição, a sociedade não se conforta em aceitar apenas a diferença biológica, mas exige que o sexo masculino tenha comportamento e atributos do gênero masculino e que o sexo feminino seja representado pelo gênero feminino. A autora argumenta que essa distinção também acontece e é reforçada pela dança, pois quando um homem dança o Balé ou Jazz (que são danças ditas como femininas, por possuir leveza e graciosidade) ele contradiz toda a ideologia vigente de sexo, o que não ocorre quando o mesmo pratica o Breaking (por ser uma dança com movimentos enraizados, fortes e agressivos, viris, que são algumas das características do gênero do sexo masculino, segundo essa visão arcaica). Em suma a dança é mais uma forma de manifestação e de exposição do gênero dos indivíduos, para uma sociedade e cultura que o constrói pautado em uma ideologia preconceituosa de sexo.

A autora apresenta que na dança há uma possibilidade de polarização de gênero, que tendencialmente a sociedade já criou perfis de qual estilo se encaixa melhor para cada indivíduo e isso sai do espaço das performances e vai para a sociedade, pois em constatações apresentadas, ressaltam que o Breaking não visto pelas mulheres, devido a uma visão enraizada pela soberania masculina que conduz o estilo, sendo mais comum as mulheres assistirem e ter o contato com outros estilos das danças de rua, ou das que pertencem as academias.

Um dos últimos tópicos abordados nessa dissertação é referente estritamente a temática “gênero e sexo”, no qual, concorda com a definição de sexo e gênero apresentada pelo vigente trabalho de conclusão de curso, mostrando que o sexo está voltado para composição biológica do indivíduo e o gênero ao que é construído por atributos socioculturais.

Segundo as citações presentes no estudo, existem algumas diferenças biológicas que facilitam algumas atividades corpóreas para a prática do homem na dança, como a produção hormonal relacionada à recuperação e capacidades musculares (visto que o Breaking é composto por movimentos que exigem muita força), porém contrapondo esse termo conceitua-se a arte e a dança como algo não possuidor de um determinante de gênero ou sexo, assim fazendo com que a mulher não esteja excluída dessa prática e se faz capaz de conseguir executá-la tão bem quanto ou até melhor que homem, a partir do treinamento para (do mesmo que o indivíduo do sexo masculino deve passar para conseguir performar). Além desses facilitadores biológicos, historicamente foi construindo uma diferenciação desde os

padrões gesticulares corpóreos até a forma de compreensão de consciência e tomadas de decisões, que já estão concretizadas como verdades, como por exemplo, a passividade e atividade na relação sexual e delicadeza e agressividade nos traços e gestos do homem e da mulher. Os entrevistados relatam que a maioria das b-girls treinam e dançam como homens, sendo isso, um equívoco pois por serem mulheres deveriam dançar como tal, sendo assim mais um exemplo de que a dança é capaz de persuadir sobre o conceito do que é ser homem e o que é ser mulher, tendo o mesmo poder sobre como distinguir que é masculino de feminino.

Por entender e contrapor uma cultura monopolizadora e machista surge em 2001 nos Estados Unidos, criada por Asia One a corrente Bgirlism que é o empoderamento do feminismo sobre a prática o Breaking, que envolve além do dançar com o gênero feminino busca ver e ser uma nova forma de manifestação do Hip Hop. O Bgirlism utiliza do Breaking masculino, mas por meio das roupas, liberdade, atitudes (dançando com passos delicados, leves juntos dos agressivos e pesados), trazer a alto estima feminina com o orgulho e prazer de ser mulher dançando Breaking e participando do Hip Hop, pois segundo o que está registrado no trabalho da autora não é pelo motivo de ser uma dança criada por homens que uma mulher deve agir, pensar e ser um para praticá-la. Esse fenômeno mesmo sendo reconhecido como iniciado nos Estados Unidos, acredita-se que ele surge ao mesmo tempo em todo o mundo que dança o Breaking, marcado pelo interesse da participação plena das b-girls. É possível ver também as diferenças relacionadas as oportunidades quando há a comparação dos b-boys com as b-girls como emprego, acontecimentos e participação em eventos, pois no contexto do hip-Hop que deve sempre se adaptar são os indivíduos do sexo feminino.

Em meio a esse peso machista e sexista sobre o público e as dançarinas de Breaking, em 2010 aconteceu o primeiro evento nacional de Breaking, o Batom Battle em Brasília, estruturado pelas perspectivas do bgirlism com o objetivo de resiliência na tentativa de superar as dificuldades que o sexo feminino enfrentado no Hip Hop por meio de oficinas de Breaking, mas devido a pouco público feminino, no início teve que ser introduzido o Dancehall que visa a sensualidade e a sexualidade em um ritmo jamaicano (que no próprio estudo afirma ser um reflexo de preconceito por parte das próprias mulheres, não querendo participar de uma dança reconhecida como masculina – porém o evento contou com algumas atividades que o público masculino também pode participar, como por exemplo algumas disputas e rodas que

inicialmente era b-boys contra b-girls e só com o tempo de evento que essa segregação começou a sumir e se tornar mistas).

Cada pessoa já de criança, cresce aprendendo a performar de acordo com o que a sociedade estipula como ser o normal marcando e destacando uma construção imposta de gênero, na qual é instruindo como andar, como ser portar, como tomar decisões, mostrar o que é errado e o que é certo, além de como conduzir e se interessar eroticamente, entre outros aspectos e características.

Vele destacar nesse tópico a teoria de Judith Butler que constata sobre gênero a sua ação performativa baseadas na categorização corporal, que apresenta uma visão de que a cultura e sociedade que são os modificadores, influenciadores e construtores dos padrões e dos gêneros em específico de cada pessoa, está se tornando como um destino tão determinista como a estruturação genética e biológica de cada pessoa. Butler (2003) pensa corpo como algo passivo de modificação sociocultural, portanto não é algo estável, imutável, determinado a desenvolver e perecer da forma biológica natural em que nasceu sem nenhuma influência externa, ou seja, defende que é o corpo (cada pessoa) é composta pelos fatores biológicos, mas que também é uma junção de fatores sociais e significados culturais. Como temos um padrão e perfil esperado de cada pessoa, quando uma pessoa não se enquadra no gênero pelo qual os demais projetam nela é justificavelmente correto inserir essa pessoa em alguma sanção.

Na dança, aqui em específico no Breaking, quando um b-boy ou uma b-girl está praticando, eles não apenas estão performando cada um em seu gênero de movimentos do Breaking, mas também estão performando o gênero pessoal particular enquanto indivíduo. Essas performances acontecem e são reafirmadas por de alguns fatores e entre eles, a autora lista as vestimentas e gestos:

TABELA 2 – Vestimentas no Breaking.

<b>FEMININO</b>	<b>MASCULINO</b>
Calça jeans justa. Calça legging.	Calça jeans larga. Calça de moletom ou tactel larga.
Camiseta 'babylook' ou regata (mais justas) ou camiseta de cores fortes (principalmente rosa, roxo, vermelha, e brilhantes), brilhantes,	Camiseta larga.

estampadas ou 'cavadas' (mais largas)/ 'caídas (deixando o ombro à mostra).	
Brincos grandes.	Brincos pequenos.
Tênis nas cores roxo, lilás, laranja, rosa, vermelho.	Tênis nas cores preto, verde, azul, marrom.
Levemente maquiada.	Sem maquiagem.
Jaquetas de moletom ou nylon justas ou curtas.	Jaquetas de moletom ou nylon largas.

Fonte: Organizada pelo autor com as Informações presentes no trabalho analisado (GONÇALVES, 2012, p. 158).

TABELA 3 – Gestos masculinos do Breaking.

<b>GESTO</b>	<b>EXEMPLO</b>
Gestos que remetem à virilidade ou genital masculina e que podem ser utilizados para tentar humilhar o oponente masculino ou feminino.	Fazer uma letra C com a mão, remetendo ao pegar no pênis ou à grossura do pênis; pegar no escroto; gestos que imitam o ato sexual; fingir expor o pênis; fingir se masturbar e ejacular no oponente; fingir que o pênis é grande.
Gestos que remetem à violência com os outros.	Imitar uma arma com as mãos; fingir atirar; fingir decepar a cabeça.
Usar movimentos de artes marciais.	Voadoras; chutes; golpes; socos.
Gestos cômicos.	Puxar a blusa a fim de mostrar barriga e ficar rebolando; fingir ser 'afeminado'; fingir jogar 'basquete' com a cabeça do oponente.

Fonte: Organizada pelo autor com as Informações presentes no trabalho analisado (GONÇALVES, 2012, p. 163).

TABELA 3 – Gestos femininos do Breaking.

GESTO	EXEMPLO
Gestos considerados como sendo da 'natureza' feminina.	Fingir passar um batom; fingir tirar o absorvente e colocar no rosto do oponente; fingir que está brincando com o cabelo; fingir que está passando maquiagem; mandar beijos; mandar coração; fazer coisas 'meigas' em geral; fingir jogar amarelinha; fingir pular corda; fingir que machucou a mão; fingir que quebrou a unha.
Gestos que remetem à sensualidade ou sexualidade.	Rebolar; sambar.
Gestos que remetem ao corpo ou genitália feminina.	Fingir que tem muito peito; fazer um triângulo com as mãos a fim de iconizar a genitália feminina.
Gestos para tentar humilhar o oponente masculino.	Insinuar que o pênis é pequeno; fingir cortar o pênis do homem e colocar no próprio rosto dele; fingir cortar o pênis do homem e pular corda; fingir cortar o pênis e jogar fora; fingir cortar o pênis e colocar na própria bunda do oponente; fingir tirar uma lupa para ver se o pênis é pequeno.

Fonte: Organizada pelo autor com as informações presentes no trabalho analisado (GONÇALVES, 2012, p. 164).

- **Relacionados a estereótipos e preconceitos;**

Podemos verificar que os estereótipos podem ser construídos até por acontecimentos históricos, quando vemos a relação do caos causado no bairro do Bronx devido a uma imposta modernização, resultando em uma forma de expressão para pessoas e principalmente crianças que fizeram coisas erradas e bagunças, perguntando a essa pessoa de forma pejorativa se ela está no Bronx para justificar seus comportamentos inadequados para o momento.

O termo “dança de rua”, pelo qual são chamadas as danças que compõem o movimento Hip Hop carrega uma conotação ruim, pois é em casa que se tem ordem, tranquilidade, é o local ideal, local de coletividade, sendo a rua o oposto de tudo isso, por ser na rua que se é maltratado, onde você pode se perder, lugar de brigas, de individualidade, ou seja, uma associação do termo “dança de rua” como sinônimo de marginal, periferia (voltado como pejorativo ligado ao crime e o que foge da tradição normativa).

O b-boy e a b-girl (os praticantes da cultura Hip Hop e do movimento Breaking, diferentes daqueles que apenas dançam o Breaking), possui um estilo próprio de se vestir que serve como afirmação e reconhecimento do estilo de dança que faz e a qual grupo você pertence como uma afirmação social de que se é um b-boy ou b-girl. A forma de se vestir vai se adaptando com o tempo e de acordo com o local, mas de todas as formas a vestimenta segue uma norma sendo presente as calças, jaquetas, e camisetas largas (que facilitem os movimentos do Breaking e seja pertinente para o local que está sendo dançada – devido ao tipo de chão, por exemplo), os tênis com cadarços largos e do modelo *fat lace* são um dos maiores símbolos dos b-boys e b-girls, mas também podemos incluir as correntes, os bonés e tocas (principalmente para os que realizam giros de cabeça no chão).

O texto traz o conceito de ritual para Breaking, que são estereotipados como normais ou essencial parte presente nas performances, representados por gestos pré-apresentação, modo de se vestir, como entrar no palco ou roda de Breaking, como agradecer e sair da roda ou palco. O ritual estereotipado dos dançarinos não são algo que se destoa exacerbadamente do cotidiano, mas é algo que formaliza, torna importante ou reverencia aquele momento importante, de respeito e agradecimento por meio dos gestos e ações da Linguagem Corporal, como na forma de portar e se vestir, que contempla a questão de performance, mas que podemos como um ato de comunicação simbólica (entre os que dançam, o júri e o público – sendo todos estes capazes de cultivar um ritual).

A respeito do corpo, conceitua-se que o corpo não é algo apenas determinadamente biológico, mas também é uma construção social e cultural. Ele é repleto de grafias gestuais que produzem movimentos carregados de valores, signos, símbolos, preconceitos que demonstram e reafirma o contexto histórico, social, educativo e cultural a qual pertence. Sendo o corpo um dos componentes que integram o sistema da dança, é importante atentarmos para a grande possibilidade

de comunicação que é capaz de produzir, pois por meio de uma análise detalhada à uma pessoa ou grupo que dança é possível verificar como é dada a sociedade e cultura na qual esse indivíduo ou grupo está inserido, além de ver como é a estrutura de poder, hierarquia, pensamentos, valores e posicionamentos de gênero (como citado no tópico temático a cima).

Podemos ver que a ausência da mulher não ocorre apenas no Breaking, mas em outras danças de rua. As mulheres encontram-se nas academias por conta do pouco tempo disponível apenas para a prática da dança e não para a dedicação plena ao Hip Hop, sendo esse o porquê da relação do preconceito criado, no qual, afirma-se que dançar para mulher é normal, agora se um homem dança é homossexual – ou classificado com outros nomes que hoje exploram a criatividade dos preconceituosos, como “*gay, viado, baitola, bambi*”, entre outros. A autora aponta que existe sim a discriminação e preconceitos para com as mulheres e isso as impedem de ganhar espaço e evoluir no Breaking. A partir da grande distinção e expectativa do comportamento masculino sobre o indivíduo do sexo masculino, o homem que dança Jazz ou Balé foge da normalidade, pois essas são danças ditas como para mulheres, por conter características femininas.

No tópico a cima foi citada a capacitação e importância do homem para com a criação, elaboração e significação das coisas, e a mulher aparece como um ser que se resume a natural que é passivo apenas a ser moldado, isso se reflete nos estereótipos e expectativas criadas sobre ao comportamento humano, em meio ao acervo referência trazido pela autora podemos compreende-se a influência do homem no que tange toda a sociedade, pois quando uma mulher dança um estilo que não remete a sua classificação de gênero/sexo não há a repercussão quando o inverso ocorre. Assim tomando as contribuições trazidas e referenciadas pela estudiosa, vemos que a arte e a cultura em geral só tomam reconhecimento e importância social quando há a intervenção ou presença da figura masculina.

O machismo e o sexismo extrapolam o mundo da dança, ele está presente nas outras áreas que compõem o Hip Hop, o preconceito presente nas letras dos rap que citam as mulheres como o sexo frágil, putas, vadias, cadela, entre outras referências e xingamentos. Os rappers reforçam por meio de suas letras que as mulheres não devem fazer certas coisas, que algumas situações não são dignas ou suficientemente capacitadas por serem do sexo feminino, com isso, as mulheres em forma de manifestação e resistência, criam letras contra esse preconceito e tentam

se destacar na música e na dança para conseguirem ganhar seu espaço na cultura do Hip Hop.

Todo esse preconceito, sustentado por uma ideologia machista é reforçado pela estereotipação referente a vestimenta, mesmo as mulheres que se fazem presentes, no rap, no Breaking, (no Hip Hop em geral) são induzidas e forçadas a manterem a feminilidade em suas calças, camisetas, acessórios e gestos produzidos, além de terem que superar a pressão exercida pelos homens e algumas mulheres sobre questionarem e menosprezarem as capacidades físicas do corpo (do sexo feminino) que são necessárias para a realização de alguns movimentos Breaking. Existem falatórios que criam estereótipos para a prática da mulher que dança o Breaking, classificando-a como não mais femininas, pois o Breaking masculiniza o corpo e deixa a mulher macho caso venha a praticá-lo. Ainda hoje a comparação feita do homem é sempre de superioridade, sendo vergonhoso um homem ser comparado ou quando perde para uma mulher. O surgimento do Bgirlism (que foi citado e explicado no tema a cima) marca uma necessidade de atenção para a diferenciação e tratamento da mulher para o com o homem, o trabalho consta com um relato de uma b-girl que foi abordada por um policial e que foi tratada como um homem pela forma que estava se vestindo.

Em 2010, quando surge a ideia do primeiro evento Batom Battle, a elaboração do projeto e durante seu acontecimento, houve risos, deboches e insultos contra a manifestação feminina para com o Breaking.

No que desrespeito o dançar propriamente dito, a dissertação nos mostra que o ato de um homem dançar com gestos caracterizados como femininos é sinal de deboche para com os seus adversários em batalhas ou de entretenimento para as performances (é cômico), porém quando o inverso acontece e uma mulher dança com gestos considerados masculinos e motivo para atenção, comentários, repreensões e deboches contra os homens, ou seja, a mulher deve obedecer a ordem desrespeitosa, opressora e machista de dançar apenas dentro do que lhe é apresentado como pertinente, independente da sua liberdade de expressão.

No quesito expressão de gênero explicado o tópico acima, em resumo o homem que não se porta ou se veste com é esperado pela norma sociocultural no cotidiano ou no Breaking é visto pejorativamente como uma “mulher” o mesmo para o inverso, quando uma mulher não segue o que é previsto para ela, é vista com maus olhos e interpretada como “homem” de forma preconceituosa.

- **Relacionados a fatores da Psicologia do Esporte;**

Aponta para as atitudes performáticas que são marcadas por comportamentos de intensidade e agressividade representados pela arrogância, imponência e força nas ações dos dançarinos, que segundo as fontes da autora, destacam a prontidão de estarem sempre prontos para uma batalha ou apresentação. O contexto pelo qual o Hip Hop e o Breaking nasceram possa ser uma justificativa para tal ação de passar uma expressão emocional e gesticular de superioridade, virilidade, força e destemida, sendo assim as características principais da b-girl e do b-girl.

A dança pode ser entendida como algo que não é raso ao ponto de ser composta de movimentos corpóreos e sim por uma manifestação performática que o corpo pode produzir repleto de um poder comunicativo, informativo, influenciador, reflexiva, político, cultural, social e emocional.

Sendo uma dança agressiva, por mais que em momentos espontâneos proporcione emoções intensas e sentimentos de liberdade e felicidade, em batalhas ou em apresentações expositivas e competitivas, ela pode ser constrangedora, ameaçadora, potencializa a ansiedade e interfere em outros estados emocionais. Isso pode ser causado pelo afronte entre os b-boys e b-girls quando se dirigem uns aos outros com a intenção de desequilibrar emocionalmente o adversário, quando há uma expectativa interna ou por parte do público que assiste, quando a presença de um júri, entre outros fatores. Sendo assim, o Breaking além de uma dança, em competições é um jogo de estratégia, no qual você estuda os movimentos do adversário para poder realizar outros mais elaborados ou que contraponha os dele de forma a rebaixá-lo, além de ser um embate psicológico feito pela produção corpórea coreográfica e a intencionalidade dos olhares e gestos.

Podemos ver em alguns dos relatos trazidos pela autora a presença de inúmeras emoções referente a participação na cultura Hip Hop, mas destacam-se o medo, vergonha e o sentimento de preocupação nas falas que citam as b-girls, frente a uma sociedade machista, sendo isso um dos fatores da desistência nas mulheres para com o Breaking, assim como nas artes marciais.

- **Conteúdos que não se enquadram nos temas a cima.**

A dissertação faz um resgate histórico detalhado sobre o período em que o Hip Hop se difundiu a partir de uma visão antropológica da localização e o contexto em que estava inserido.

O trabalho expõem por meio de constatações de pessoas que presenciaram o momento histórico, os problemas que o bairro Bronx de Nova York passou quando em 1950 um viaduto o cortou. Isso ocasionou em uma desordem massiva na estrutura do bairro, as famílias brancas de classe média, judeus e irlandeses se realocaram em complexos habitacionais e em outras localidades, enquanto os pobres e negros sobreviviam e se defendiam como conseguiram (por meio de gangs, protestos e manifestações). Em meio a tudo isso, por volta de 1970 o Hip Hop surge das cinzas dos escombros e caos do South Bronx, alimentando artisticamente esse grupo social que viviam nessa região de Nova York, na tentativa de reconstrução coletiva de algo que estava se esvaindo.

O Hip Hop não surgiu apenas como manifestação cultural isolada, ele era composta por outros elementos que não fosse apenas o a música e a dança, juntamente com o grafite o Hip Hop além de entretenimento se torna uma forma de revolução estética por uma sociedade que clamava por atenção e por seus direitos. Para um olhar da Linguagem Corporal, a manifestação rítmica da dança do Breaking vê claramente o que tange a respeito da territorialidade, performaticamente tanto na defesa do que lhe pertence, quanto a passos e coreografia de invasão a outros, o contexto histórico do Bronx violado, ameaçado, tendo seus moradores lutado, manifestado insatisfação e mecanismos de se defenderem, são referências diretas e indiretas dessa prática.

A dança que impulsionou o movimento Hip Hop foi o Breaking, que surgiu no South Bronx por volta dos anos 70, composta por movimentos afros, danças latinas, somado com capoeira, artes marciais, acrobacias, sapateado e outros. Na maioria dos praticantes do Hip Hop quando começaram a dançar o Breaking tinham em média 11 e 12 anos se aposentando quando chegavam a maior idade de 18 anos.

A definição de performance é apresentada como comportamentos marcados, emoldurados ou intensificados que são separados do cotidiano social. Sua estrutura contempla diversas funcionalidades, entre elas produzir algo belo, entretenimento, transformar ou mudar a identidade de algo ou alguém, curar, ensinar, convencer, persuadir, além de lidar com o sagrado e o profano. Assim fazendo uma relação com o Hip Hop e o Breaking, apontando eles como sendo uma performance.

Os praticantes da cultura Hip Hop, que são adeptos a prática do Breaking no Brasil, em sua grande maioria é do composto por pessoas do sexo masculino, tornando-se (tanto no Brasil como fora) uma pratica de status masculino. Um dos motivos que historicamente fez com que as mulheres (b-girls) não evoluíssem no Breaking foi por quando se apresentavam ou entravam em uma roda/batalha eram aplaudidas pelo simples fato de estarem ali independentemente do que fizessem eram vangloriadas com aplausos e gritos, isso interferiam no treinamento para outras performances, já que seriam facilmente aceitas e vistas a qualquer momento que quisessem fazer um intervenção. Podemos considerar isso como estratégia utilizada para a dominação masculina do Breaking, pois o trabalho feito pelas mulheres nunca era reconhecido como possuidor de algum valor significativo.

Essa dissertação durante o levantamento bibliográfico a autora conseguiu encontrar 250 trabalho com títulos referente a cultua do Hip Hop, porém na maioria voltados para o rap e o grafite, apenas alguns mencionavam o Breaking, o que fez motivar a escolher pela dança, devido à curiosidade é complexo desenvolver pesquisas com esse tema, por ser difícil de compreender seu contexto, suas consequências e aplicabilidade, além de ser uma maneira de se despedir do Hip Hop, por engajar-se em outro mundo no momento.

## **6.2. CULTURA HIP HOP: A INFLUÊNCIA DA DANÇA DE RUA NA MOTIVAÇÃO DOS PRATICANTES DA CIDADE DE CURITIBA.**

- **Relacionados ao Waacking;**

Não apresenta nenhuma consideração registrada acerca do estilo de dança Waacking, apenas o cita como um dentre vários outros estilos de dança de rua.

- **Relacionados a gênero e sexualidade;**

Não apresenta nenhuma consideração registrada acerca da temática de gênero e sexualidade.

- **Relacionados a estereótipos;**

O trabalho contribui com algumas considerações sobre estereótipos, mas não voltados para o objetivo buscado pelo presente estudo. É apresentadas

classificações como modo de se vestir que são próprios da raiz do movimento cultural chamado Hip Hop.

- **Relacionados a fatores da Psicologia do Esporte;**

Encontram-se definições que diretamente podem intervir e influências as pessoas para a realização de atividades físicas (com destaque a dança), entre elas as conceituações de motivação segundo Samulski (2002 apud CAMARGO, 2014) e amotivação para Ryan e Deci (2000 apud CAMARGO, 2014).

Motivação é um estado de determinação para a realização de uma ação causada por fatores extrínsecos e intrínsecos que agem de diferentes formas perante as técnicas de ativação e metas que os sujeitos estão envolvidos. Na dança podendo ser encontrada no quesito rendimento, sendo estimulada por conseguir realizar algo ou impedir um fracasso.

Amotivação é o estado que um sujeito encontra-se, no qual, não tem algum propósito de realização ligado a um comportamento, se haver qualquer ligação intrínseca ou extrínseca.

Ainda nesse tópico, vale destacar o apontamento sobre a teoria da autodeterminação, que segundo Deci e Ryan (2000 apud CAMARGO, 2014) é se atentar para a motivação e personalidade, na qual, enfatizam os fatores internos que regulam a conduta de uma pessoa, esta que vive em uma constante influência externa em sua contextualização social.

- **Conteúdos que não se enquadram nos temas a cima.**

O estudo apresenta uma contextualização histórica do Hip Hop, como sendo uma manifestação cultural, que iniciou nas ruas das periferias dos Estados Unidos pela comunidade negra norte-americana (afro-americanos). A partir desse levantamento histórico encontramos vários autores que definem os elementos que compõem o Hip Hop, dentre os elencados destaca-se a organização desses elementos feita por Kugelberg et. al. E Grob (2007 apud CAMARGO, 2014) que trás o Hip Hop como uma cultura composta por 5 elementos, sendo eles o grafite, os DJs, Os MCs, a música (representada pelo Rap) e a dança (representada pelo Breaking).

Frente à dança, o referencial teórico do trabalho apresenta as 3 pioneiras do Hip Hop, o Breaking, o Locking e o Popping, descrevendo suas características

principais (sobre sua prática e o seu surgimento), cita também alguns estilos de dança que surgiram partir dessas (também descrevendo sua manifestação e o seu surgimento).

No trabalho conclui-se que os praticantes de dança de rua da cidade de Curitiba, dançam por prazer e por motivação intrínseca, sendo que, a maioria dos entrevistados, em nenhum momento citam a amotivação, mostrando que para esse grupo, os fatores extrínsecos são irrelevantes para determinar a continuidade, desistência ou não adesão à dança.

### **6.3. IMPLANTAÇÃO DE PLANEJAMENTO E CONTROLE E CONTROLE FINANCEIRO: O CASO DA EVIDANCE, ACADEMIA DE DANÇA.**

- **Relacionados ao Waacking;**

Não apresenta nenhuma consideração registrada acerca do estilo de dança Waacking, apenas o cita como uma dentre vários outras modalidades de dança oferecida pela academia Evidance.

- **Relacionados a gênero e sexualidade**

Não apresenta nenhuma consideração registrada a cerca da temática de gênero e sexualidade.

- **Relacionados a estereótipos;**

Não apresenta nenhuma consideração registrada a cerca da temática de estereótipos.

- **Relacionados a fatores da Psicologia do Esporte;**

Não apresenta nenhuma consideração registrada a cerca da temática fatores da Psicologia do Esporte.

- **Conteúdos que não se enquadram nos temas a cima.**

Esse Trabalho de Conclusão de Curso apresentou uma análise sobre a gestão financeira da Academia de Dança Evidance, no qual, fez um levantamento bibliográfico acompanhando por um estudo de entrevistas, a fim de elaborar um planejamento financeiro da empresa que apresentava uma rentabilidade deficiente.

O estudo apresenta o histórico financeiro da instituição e ações de melhorias da gestão financeira, por exemplo, apresentando a técnica 5W2H que é:

[...] é uma ferramenta simples, porém poderosa, para auxiliar a análise e o conhecimento sobre determinado processo, problema ou ações a serem efetivadas, podendo ser usado para a elaboração de planos de ação. Os planos de ação, por sua vez, é um instrumento que favorece o planejamento de uma empresa, uma vez que elabora ações necessárias para atingir um resultado desejado. (SOUZA, 2013, p. 60).

## 7. DISCUSSÃO

Perante o que até então já foi percorrido, foi possível analisar quais foram às contribuições provenientes dos arquivos encontrados nos bancos de dados selecionados por esse estudo, nos quais, a pesquisa foi direcionada pela palavra chave “Waacking”.

No que tange as contribuições para o objetivo do trabalho, foi encontrado 12 arquivos, destes os que se destacam como pertencentes aos critérios pré-estabelecidos de avaliação – que possuía a palavra Waacking no corpo do texto – foram apenas 3. Esses trabalhos apenas citam Waacking como mais uma modalidade das danças de ruas que pertencem ao Hip Hop e não discorrem sobre nenhuma outra informação, assim não contemplando o as expectativas específicas objetivadas para esse estudo, mas ainda sim nos leva a algumas reflexões sobre o material coletado até então.

O Waacking sendo uma modalidade dança pertencente ao movimento cultural Hip Hop, está inserido no contexto das danças de ruas, assim como o Breaking e o Locking, mas não é tão difundida e popular no Brasil, visto que, quando digitado a palavra chave “Waacking” no YouTube, que segundo Burgess e Green (2009) é um dos mais influentes portais de vídeos online, encontram-se coreografias amadoras, coreografias de academias, grandes campeonatos e eventos internacionais – podendo citar como exemplo os vídeos do campeonato coreano Holiday In Waacking.

Mesmo surgindo em meados dos anos 70 juntamente com outras modalidades das danças de rua que vieram para Brasil e são comum entre os brasileiros, questiona-se o porquê do Waacking também não ser reconhecido como tais?

Como possível interpretação desse apontamento, na tentativa de saná-lo de forma adequada, se deve atentar par ao contexto histórico e o grupo de pessoas que o desenvolveu, pois assim podemos encontrar meios de compreender tal problemática. Sendo criado pelo grupo LGBT (nomenclatura dada para ao grupo social que discute e defende as causa das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis – e que atualmente podemos inserir mais um “T” referindo-se aos Transexuais),

reconhecido como uma versão “gay” do Locking, o Waacking pode estar inserido no meio do palco dos grandes conflitos de gênero, que em uma sociedade que educa e impõe a heteronormatividade para todos, pode ser fator potencializador dessa desvalorização, desconhecimento e não difusão da modalidade em nosso território nacional. No livro “*Desejo, preconceito e morte: assassinatos de LGBT em Sergipe – 1980 a 2010*” de Oliveira (2014) encontramos detalhadamente informações como esse grupo sofrem com discriminação, opressão e são violentados, das mais diversas formas, nele Oliveira (2014) aponta que as questões que cercam o movimento LGBT também são ponto de militância social, que pede por justiça e direitos igualitários diante dos valores impostos pela sociedade vigente, que por meio de discursos moralistas religiosos, apontamentos e relação do coletivo ao uso de drogas para incriminar o movimento, a influência da educação escolar, como o assunto é tratado nas mídias, entre outras colocações, agridem os indivíduos pertencentes ao grupo LGBT.

Estando ciente da conceituação de gênero e sexo (sendo parte de um dos objetivos específico desse estudo, no que tange abordar a respeito do sexo masculino), cabe discorrer sobre as contribuições dessa pesquisa voltada para a temática especificada. A presença do sexo masculino é bastante presente nos resultados adquiridos, desde o início visto que a maioria dos autores, entrevistados e os referenciais utilizados pelos arquivos que foram encontrados são indivíduos do sexo masculino.

Na dissertação de mestrado da Gonçalves (2012), registrada está a contextualização sobre a estrutura do movimento cultural Hip Hop junto da síntese do seu surgimento e das artes que a ele pertence, destrinchando especificamente o Breaking, A partir do que é relatado pela autora, desde o início a cultura Hip Hop e o Breaking foram criados por homens para homens e que conscientemente ou mesmo inconscientemente é passado desde a década de 70 uma ideologia de supremacia masculina, na qual, reprimi e segrega a presença do sexo feminino – tanto que já no início da concretização do Breaking foi separado os homens em “os b-boys” e as mulheres em as “b-girls” – assim, fazendo com que as mulheres não viessem a ganhar espaço e a visibilidade que os homens possuem nessa cultura, completando que:

[...] hei de ressaltar que as mulheres entrevistadas apontam ainda para uma resistência por parte de alguns homens (muitas vezes explícita), ora consciente, ora inconsciente, no que tange a sua participação, como também a sua maior presença na “cultura” Hip Hop. Por isso, é importante abordar a questão das relações de gênero [...] (CONÇALVEZ, 2012, p. 125).

Gonçalves (2012) traz em seu trabalho informações sobre o que conseguiu coletar das entrevistas com mulheres inseridas nesse movimento cultural, constatando que elas se sentem atacadas pelos homens por participarem dos mesmos espaços. A sua pesquisa foi feita aqui no Brasil em Belo Horizonte e na dissertação, também registra suas sensações quando foi a campo, sendo atacada com olhares vindos dos sujeitos do sexo masculino, além de trazer informações sobre os possíveis fatores dessa discriminação com o sexo feminino, sendo um deles, a afirmação que para alguém ser do Hip Hop ou do Breaking a pessoa deveria viver o Hip Hop, o que não acontece com as mulheres, afirmação que faz sentido segundo a autora, visto que historicamente maior parte do tempo que a mulher poderia ter para se dedicar a cultura Hip Hop ela utiliza nos afazeres domésticos e institucionais familiares – espaço que os homens não estão majoritariamente presentes.

Cruz (2008) definiu o homem como o agente opressor, que por meio do Hip Hop (uma ferramenta e forma de expressão), não sabe abordar e respeitar as questões de gênero que estão inerentes nesse contexto, ainda afirma sobre o ambiente estético e coreográfico que demonstra a dominação masculina desse espaço por meio dos gestos expressados por essa cultura, com isso “a presença das mulheres do Hip Hop, além de reduzida em termos de quantidade, é marcada pela invisibilidade e desqualificação” (CRUZ, 2008, p.26).

Gonçalves (2012) discorre sobre o ser humano possuir o corpo como mecanismo de comunicação além da fala e da escrita, o que possibilita que cada gesto, a cada ação e comportamento ser uma forma de transmitir algo. Na sua obra, a autora lista os gestos presentes no Breaking, dentre eles é simples observarmos a presença das questões de gênero no ato do dançar, e a partir de suas pesquisa, Gonçalves (2012) chega classificar os gestos masculinos e os gestos femininos no

Breaking. Analisando essa classificação vemos novamente o homem protagonizando como opressor de gênero, gesticulando (falando por meio de suas expressões coreográficas) a dominação do Breaking com os movimentos fortes, enraizados, agressivos que insultam e provoca o adversário, outros que enfatizam a sua virilidade e masculinidade, mas também usando os gestos femininos para insulto e forma de menosprezar a pessoa que está competindo. A autora complementa que quando um homem dança mais delicado, leve, não agressivo (características da dança de gênero feminino) é motivo para sofrer preconceito – fazendo alusão de forma pejorativa da homossexualidade e mulher como sendo inferior ou sexo frágil.

Vemos aqui que a dança passa por uma generificação, possuindo ideologias sexuais que “atualizam as representações de gênero sobre a especialização ‘natural’ das mulheres para a expressividade, por exemplo, no canto, e não para a criação artística” (CRUZ, 2008, p.26). No que tange a comparação da mulher com o natural vemos a inferiorização do sexo feminino, de forma opressora dando significância à mulher apenas para o que de natural biologicamente ela produz – reduzindo a prole.

Gonçalves (2012) até comenta sobre essa linha de raciocínio trazida por Cruz, pois se compreende que historicamente a arte (ou alguma forma de representação artística) só é reconhecida e tomada como importante quando em algum momento há a presença do sexo masculino, agindo diretamente ou indiretamente nela. Argumentando a essa colocação e ao mesmo tempo exemplificando-a, temos o caso da grande escritora de Harry Potter – uma das obras mais marcantes da atualidade para literatura inglesa – que segundo a sua biografia disponível no Web Site J. K. Rowling<sup>31</sup>, a editora Rocco orientou que não usasse seu nome completo, pois um nome feminino não seria atrativo para o público-alvo de jovens garotos, resultando então na publicação de Harry Potter como J. K. Rowling e não com o seu nome verdadeiro, Joanne Rowling.

Nesses arquivos analisados a mulher é apresentada como o público mais afetado por preconceitos e estereótipos na dança, mas não é possível atestar como verdade visto que nenhum dos 3 trabalhos analisados possuíam esse objetivo classificatório e muito menos o estudo aqui presente. Já o homem aparece como o

---

<sup>31</sup> Biografia da autora J. K. Rowling. J. K. ROWLING, Web Site. **Biografia**. Disponível em: <[http://www.jkrowling.com/pt\\_BR/#/sobre-jk-rowling/biografia](http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/sobre-jk-rowling/biografia)>. Acesso em: 25 ago. 2015.

agente opressor da mulher e o mais curioso, sendo opressor em casos dele mesmo, mas novamente não podemos por meio dos dados aqui reunidos afirmar que os estereótipos e preconceitos não possam partir dos indivíduos do sexo feminino, entende-se que essa seja uma problemática vigente em ambos os sexos e que transita e interfere também nas discussões e conflitos de gênero.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos arquivos resultantes dessa pesquisa podemos considerar o trabalho que aqui se corrobora, como o impulsionador de estudos específicos ou que permeiem sobre a temática vigente, visto que dos 3 trabalhos encontrados não trazem informações que possam contribuir para o cenário nacional com a contextualização sobre o estilo de dança Waacking e suas possibilidades de intervenção (sejam elas de cunho competitivo, demonstrativo, educacional ou lazer) por meio de publicações científicas brasileiras, assim como, não traz informações que sanassem as expectativas sobre a especificidade do objetivo geral desse trabalho, que visava verificar se haviam constatações de preconceitos e estereótipos para com os indivíduos do sexo masculino e as consequências por dançarem Waacking.

Sendo uma modalidade de dança criada pelo grupo social LGBT e cientes da inserção dos conflitos políticos, culturais, sociais e os valores que alimentam a problemática que gira em torno da conceituação e atuação de gênero e sobre sexualidade na realidade em que estamos inseridos, se faz medíocre privarmos o Waacking de tais discussões.

Nos relatos de Gonçalves (2012) é possível constatar a presença da vergonha, preocupações e o medo como fatores motivadores de inibição e evasão da prática da dança. Emoções essas, que podem ser tratadas e discutidas dentre outras áreas, pela Psicologia do Esporte, que já produzem a respeito, o que seria bastante interessante o desenvolver de trabalhos com esse cunho a partir do espaço possível proporcionado pelo estilo de dança Waacking.

Diante do que foi apresentado, espera-se que sejam desenvolvidos mais estudos sobre o estilo de dança Waacking para que ele venha a se tornar significativo, e mais uma ferramenta para o cenário brasileiro, auxiliando em processos educacionais, entretenimento, lazer e prazer. Espera-se também, que essa pesquisa motive trabalhos que discutam as questões de gênero e sexualidade no estilo de dança Waacking e em outros estilos de dança que mesmo não sendo tão difundidos no Brasil, mas que estejam inseridas a uma contextualização sobre a temática.

## REFERÊNCIAS

- BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Trad. Ricardo Giasseti. São Paulo. Aleph, 2009. Disponível em: <<http://pdf.thepdfportal.net/PDFFiles/55796.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2015.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 238p.
- CAMARGO, C. A. **Cultura Hip Hop**: a influência da dança de rua na motivação dos praticantes da cidade de Curitiba. 2014. 70f. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Tecnológica do Paraná. Curitiba. 2014.
- CRUZ, D. A. G. **Os usos políticos da cultura Hip Hop**: a experiência do coletivo Hip Hop Chama. 2008. Monografia. (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2008.
- DANCE MOGUL . Magazine Web Site. **Tyrone “The Bone” Proctor/ Honoring our Legacy**. 2013. Disponível em: <<http://dancemogul.com/news/?p=3625>>. Acesso em: 30 ago. 2015.
- DANTAS, M. et al. Dança, corpo e representações: Um encontro anunciado. **Conexões**, v. 1, n. 2, p. 108- 120, dez. 1999.
- DRPEPPA1906. Canal do YouTube. **Tyrone Proctor Teaching Waacking**. *Print Screen* do Vídeo, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GLbhUWqAR4o>>. Acesso em: 30 ago. 2015.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise do conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2007.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONÇALVES, J. B. **Bohemian Rhapsody**: performance, ritual e relações de gênero no Breaking. 2012. 175f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2012.
- J. K. ROWLING, Web Site. **Biografia**. Disponível em: <[http://www.jkrowling.com/pt\\_BR/#/sobre-jk-rowling/biografia](http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/sobre-jk-rowling/biografia)>. Acesso em: 25 ago. 2015.
- JODYWATLEYVEVO. Canal do YouTube. **Jody Watley - Still A Thrill**. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kg6Dt3pia9g>>. Acesso em: 23 set. 2015.
- KUMARISURAJ. Canal do Youtube. **Kumari's Waacking Choreo Debut on SYTYCD Season 8 (US)**. *Print Screen* do Vídeo, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tzNNL8-r9ek>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

LAVOURA, T. N.; MELLO, C. C. C.; MACHADO, A. A. Estados Emocionais na Prática Esportiva: Relações Entre Medo e Vergonha no Contexto Esportivo. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. v. 15, n. 3, p. 79-77, abr. 2007.

LA TAILLE, Y. **Vergonha a ferida moral**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.  
LEITÃO, F. C. do V.; SOUSA, I. S. de. O homem que dança. **Motrivivência**. Santa Catarina, n. 8, p. 250-259, dez. 1995.

LOCKERS LEGEND. Web Site. **The Streetdance called Locking**. 2008. Disponível em: < [http://www.lockerlegends.net/?page\\_id=38](http://www.lockerlegends.net/?page_id=38)>. Acesso em: 29 ago. 2015.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 1. ed. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, N. D. de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante pra fundamentação do trabalho de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte**: da educação física escolar ao treinamento esportivo. São Paulo: Guanabara Koogan, 2006.

MAROUN, K.; VIEIRA, V. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, dez. 2008. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v14n2/v14n2a11.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

MARTIN, J. R. V. Generificação dos corpos: performatividade de gênero e educação infantil. **Revista Anais Sociais**. XI Semana de Ciências Sociais. Marginalidades. UFSCar – São Carlos. p. 123-134. out. 2014.

NINJA, A. **What is waacking: Aus Ninja (Imperial House of Waacking) on the differences between waacking and vogue**. Web Site Too Much Flavour, 2010. Disponível em: < <http://toomuchflavour.co.uk/what-is-waacking-aus-ninja-imperial-house-of-waacking-on-the-differences-between-waacking-and-vogue/>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

OLIVEIRA, J. M. D. **Desejo, preconceito e morte**: assassinatos de LGBT em Sergipe - 1980 à 2010. Paripiranga. Bahia. Faculdade AGES, 2014. p 294. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?id=KflJBQAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=preconceito+com+LGBT&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CCAQ6AEwAGoVChMI2cGq-uPHxwIVhpANCh1O6gaH#v=onepage&q=preconceito%20com%20LGBT&f=false>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

PROCTOR, T. **Diary of an ex-Soul Train Dancer presents: Tyrone “The Bone” Proctor**. Web Site Soul Train, 2013. Disponível em: <<http://soultrain.com/2013/08/26/diary-of-an-ex-soul-train-dancer-presents-tyrone-the-bone-proctor/>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

PROCTOR, T. **Entrevista a Tyrone Proctor**. Web Site Barcelona Dance, 2010. Disponível em: <<http://barcelona-dance.com/reportajes/Waacking-TyroneProctor1.php>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

RODRIGUES, J. C. **O tabu do corpo**. 1975. 173f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Achiamé. 1979. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/doc/110984089/Tabu-Do-Corpo-Livro-Inteiro-1>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

SALOMÃO, A. K., MAIA, R. A. **Enfrentamento do preconceito de gênero no ensino da dança**: uma proposta crítico-superadora. 2013. 38f. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Muzambinho, 2013.

SOUL STREET'S DANCE, Blog. **Waacking/Punking**. 2009. Disponível em: < <http://soulstreetsdance.blogspot.com.br/2009/05/waackingpunking.html>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

SOUZA, C. L. M. P. **Implementação de planejamento e controle financeiro**: o caso da Evidance, academia de dança. 2013. 81f. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

SURAJ, K. **An interview with Princess Kumari of the Imperial House of Waacking**. Web Site Too Much Flavour, 2009. Disponível em: < [http://toomuchflavour.co.uk/features\\_interview\\_kumari\\_house\\_of\\_waackin.html](http://toomuchflavour.co.uk/features_interview_kumari_house_of_waackin.html)>. Acesso em: 29 ago. 2015.

THOMAS, A. **Esporte**: introdução à psicologia. Rio de Janeiro: Livro técnico, 1983.

TOO MUCH FLAVOUR. Web Site **An interview with Princess Kumari of the Imperial House of Waacking**. 2009. Disponível em: < [http://toomuchflavour.co.uk/features\\_interview\\_kumari\\_house\\_of\\_waackin.html](http://toomuchflavour.co.uk/features_interview_kumari_house_of_waackin.html)>. Acesso em: 29 ago. 2015.

TOO MUCH FLAVOUR. Web Site. **Waacking**. 2009. Disponível em: < <http://toomuchflavour.co.uk/waacking/index.html>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

TOO MUCH FLAVOUR. Web Site. **What is waacking: Aus Ninja (Imperial House of Waacking) on the differences between waacking and vogue**. 2010. Disponível em: < <http://toomuchflavour.co.uk/what-is-waacking-aus-ninja-imperial-house-of-waacking-on-the-differences-between-waacking-and-vogue/>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

WAACKING. Web Site **Waacking**. [20--?]. Disponível em: <<http://www.waacking.com/the-rebirth.html>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

YAUNDÉ. **A história do Locking no Waacking, segundo Frank Ejara**. Blog Mundo Waacking/Voguing, 2010. Disponível em: <<http://mundowaackingvogue.blogspot.com.br/2010/11/o-locking-no-waacking-segundo-frank.html>>. Acesso em 30 ago. 2015.

YAUNDÉ. **Qual a diferença entre Waacking e Punking?** Blog Mundo Waacking/Voguing, 2010. Disponível em:

<[http://mundowaackingvogue.blogspot.com.br/2010/11/qual-diferenca-entre-waacking-e-punking\\_09.html](http://mundowaackingvogue.blogspot.com.br/2010/11/qual-diferenca-entre-waacking-e-punking_09.html)>. Acesso em 28 ago. 2015.

ZOTOVICI, S. A. **Pés no chão e a dança no coração**: um olhar fenomenológico da linguagem do movimento. 2001. 166f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação Física, Campinas, 2001.